



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0268/17	DATA: 11/04/2017	
LOCAL: Plenário 10 das Comissões	INÍCIO: 14h22min	TÉRMINO: 16h54min	PÁGINAS: 47

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MARIA DAS DORES MAGALHÃES VELOSO - Pesquisadora do Departamento de Biologia da UNIMONTES — Universidade Estadual de Montes Claros.
LUIZ RIBEIRO DOS SANTOS - Jornalista do jornal Estado de Minas Gerais.
RUTÍLIO EUGÊNIO CAVALCANTI FILHO - Prefeito de Uruçuia, Minas Gerais.
MAURÍCIO ROBERTO FERNANDES - Coordenador da Área Técnica de Manejo de Bacias da EMATER-MG — Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais.
GEORGE FERNANDO LUCÍLIO DE BRITTO - Chefe de Gabinete da CODEVASF-MG — Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba do Estado de Minas Gerais.

SUMÁRIO

Debate sobre a situação das veredas no Cerrado brasileiro.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.
Houve exibição de vídeo.
Houve intervenção ininteligível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilto Tatto) - Boa tarde.

Declaro aberta a presente reunião de audiência pública da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável destinada a debater a situação das veredas no Cerrado brasileiro.

O requerimento para realização deste evento é de autoria do Deputado Zé Silva, que já ocupa seu lugar à mesa.

Comunico a todos que o evento está sendo transmitido ao vivo pela Internet e poderá ser gravado pela *TV Câmara*, para ser exibido posteriormente na grade de programação da emissora.

Convido para ocupar lugar à mesa o Sr. Maurício Roberto Fernandes, Coordenador da Área Técnica de Manejo de Bacias da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais — EMATER-MG; o Sr. George Fernando Lucílio de Britto, Chefe de Gabinete da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba do Estado de Minas Gerais — CODEVASF-MG; o Sr. Rutilio Eugênio Cavalcanti Filho, Prefeito do Município de Uruçuia, no Estado de Minas Gerais; o Sr. Luiz Ribeiro dos Santos, jornalista do jornal *O Estado de Minas*; a Sra. Maria das Dores Magalhães Veloso, pesquisadora do Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Montes Claros — UNIMONTES. *(Pausa.)*

Informo que cada convidado terá o prazo de 15 minutos para sua palestra. Em seguida, iniciaremos o debate.

A título de esclarecimento, comunico aos senhores que já está acontecendo a Ordem do Dia. Eu mesmo tenho de ir a outras Comissões, por isso vou passar a Presidência dos trabalhos ao Deputado Zé Silva. De vez em quando, o próprio Deputado Zé Silva vai ter que sair correndo para ir votar. Aqui é assim: quando está acontecendo a Ordem do Dia no plenário da Casa, temos que ir lá votar, mas depois voltamos para cá.

Desde já agradeço a presença dos nossos convidados e peço a cada um que observe o tempo destinado à sua exposição. Há um cronômetro à esquerda deste plenário para orientá-los nesse sentido.

Informo aos Parlamentares, aos palestrantes e aos demais presentes que esta Comissão promoverá um debate interativo nesta audiência pública por meio do



portal e-Democracia, ferramenta interativa da Câmara dos Deputados. Servidores desta Comissão estão encarregados de moderar as perguntas dos internautas que acompanham esta audiência pública, as quais serão respondidas pelos nossos convidados ou pelos Parlamentares ao final dos debates. Aqueles que desejarem ter acesso à rede de Internet *wi-fi* podem retirar a senha nas portarias desta Casa.

Informo que esta reunião está sendo gravada. Por isso, solicito aos palestrantes o obséquio de sempre utilizarem o microfone para suas intervenções.

Peço ainda aos palestrantes que assinem autorização para que a Câmara dos Deputados publique suas exposições e utilize suas imagens na transmissão pela Internet e em programas desta Casa.

Antes de passar a palavra e a Presidência ao Deputado Zé Silva, o proponente desta audiência pública, eu queria fazer algumas considerações. Nós conhecemos veredas principalmente por intermédio da obra de Guimarães Rosa, que as tornou popularmente conhecidas no Brasil inteiro. Veredas, tanto na obra quanto no real significado da palavra, talvez traga a expressão do que é o Brasil, do que é a sua riqueza do ponto de vista ambiental, com muitas diversidades, com riquezas de diferenças inclusive nos diversos espaços geográficos. Quando olhamos as veredas, principalmente em Minas, verificamos e percebemos quanto diversidade ambiental há nesses espaços.

Essa diversidade ambiental e a própria interação da nossa espécie com o meio em que vivemos produzem bens culturais que fazem do Brasil uma imensidão quanto à quantidade, à diversidade e à riqueza desses bens. Isso é muito bem expressado na obra de Guimarães.

Eu fico até imaginando aqui por que, de repente, o Deputado Zé Silva propôs fazer um debate que parece ter, num primeiro momento, uma ênfase mais cultural na Comissão de Meio Ambiente. Mas, por não conseguirmos pensar na relação da nossa espécie com o meio ambiente e no quanto vamos perder da nossa espécie num processo que já vem correndo riscos, vemos que isso ocorre em vários outros espaços e em outros ambientes ricos do Brasil que sofrem a pressão do modelo de desenvolvimento que, historicamente, vimos experimentando. E esse modelo vai degradando os recursos naturais, vai expulsando as pessoas para as cidades, vai nos empobrecendo ambiental e culturalmente e, ao mesmo tempo, vai diminuindo a



população do local, na medida em que gera uma riqueza concentrada. Esse modelo de desenvolvimento também ameaça as veredas.

Então, eu queria parabenizar o Deputado Zé Silva por trazer este debate a esta Comissão, que não é só para discutir questões ambientais *stricto sensu*. Ela tem sentido quando discute na perspectiva socioambiental, razão pela qual a proposição de S.Exa., no meu entendimento, veio para esta Comissão. Por isso, eu quero agradecê-lo por ter apresentado este requerimento e parabenizá-lo por esta iniciativa.

Feitas essas considerações, passo a palavra ao Deputado Zé Silva, para que faça suas considerações iniciais e assuma a Presidência dos trabalhos desta audiência pública.

Obrigado.

(Pausa prolongada.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Boa tarde a todas e todos.

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” Assim Guimarães Rosa escreveu há 6 décadas. Com essa coragem e também com certa dose forte de emoção, eu recebi esta comitiva de amigos e amigas do norte de Minas, exatamente o palco em que Guimarães Rosa escreveu a sua grande obra *Grande Sertão: Veredas*.

O Cerrado brasileiro, que representa 22% do nosso território, é o segundo ecossistema da América do Sul. Ele é como se fosse uma esponja no ciclo da água: vai absorvendo e armazenando a água e depois, como se fosse as nossas artérias, vai distribuindo essa água para as nascentes, para os córregos, para os rios, alimentando a vida da nossa geração, das que nos antecederam e com certeza das gerações futuras.

Então, com esse toque de vida, com um pouco de emoção e de inspiração poética, eu agradeço a cada um de vocês que está presente nesta audiência pública.

A conspiração do bem fez com que houvesse essa coincidência na agenda do Ministério da Integração Nacional, o que nos garantiu essa discussão de temas tão



fundamentais há séculos para o norte de Minas, para o Estado como um todo e para o Semiárido.

Quero agradecer de maneira especial o Presidente desta Comissão, o Deputado Nilto Tatto, meu conterrâneo e uma das grandes autoridades nas questões ambientais. Aliás, há alguns conterrâneos nossos de Minas, parceiros nesta caminhada, como o Deputado Leonardo Monteiro, o Léo, Vice-Presidente desta Comissão. Foi a primeira vez que votei firmemente num Deputado do PT. Eu nunca votei num Deputado do PT, mas votei nele agora. Cadê o Léo? Parece que ele estava aqui.

Agradeço também o Deputado Carlos Gomes; o Deputado Marcelo Aro, de Minas Gerais, o homem da capital mineira; a Deputada Raquel Muniz, que passou por aqui; e o Deputado Roberto Sales.

Quero registrar também a presença do Sr. Fernando Macedo, que está representando o Deputado Estadual Arlen Santiago; do Dr. Ronaldo Lima, Delegado da Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais, extensionista da EMATER; do Deputado extensionista Evair Vieira de Melo, do Espírito Santo — obrigado pela presença, Deputado.

Quero agradecer a cada um dos componentes da Mesa, ao Luiz Ribeiro, que está junto da Profa. Dora — permita-me chamá-la de Dora. Eu tenho lido muito os seus estudos. Fez aquela grande saga também, agora nos 60 anos, você com os estudos, e o Luiz escrevendo sobre as nossas veredas, o nosso Cerrado.

O Sr. Rutílio é Prefeito de uma cidade que tem uma simbologia muito forte, Urucuia, onde há o Vale do Urucuia, o Rio Urucuia, lugares nos quais, parece-me, Guimarães teve grandes inspirações também. Ele representa os Prefeitos Municipais do Estado.

Eu já afirmei inúmeras vezes que o Maurício é meu ídolo da agronomia. Ele é a maior autoridade do Brasil no estudo de ecossistemas, com essa simplicidade e competência.

Agradeço ao Brito, que está junto do Aldimar e do Atadeu. Deve haver outros profissionais da CODEVASF, que é fruto de projeto nosso, cujo intuito é que ela atenda também o Vale do Jequitinhonha, o Mucuri e Alto Rio Pardo. Quero, sobretudo, agradecer e cumprimentar a CODEVASF.



Quero cumprimentar o Cláudio Ribeiro Prates, o Idelfonso Pereira Araújo, o Wilton Afonso Dias Soares, o Ailton Soares dos Reis, o Aldair Fagundes Brito, o Daniel Dias da Silva, a Delcinéia Santos Silva, o José Marcos Martins de Freitas, a Maria Helena de Quadro Lopes, o Marlon Xavier Oliva Bicalho, o Martins Lima Filho, o Sebastião Ildeu Maia, o Soter Magno Carmo, o Valdecy Fagundes de Oliveira, o Valdivino Antunes de Sousa, o Alex Sandro Mendes de Oliveira, o Aldeci Xavier de Souza e o Geraldo Humberto Rodrigues de Oliveira. Na pessoa do Aldeci e do Geraldo, eu cumprimento a imprensa, que não está representada aqui na mesa.

Quero cumprimentar a Macreidy Valésia Caldeira, o Hélio Machado de Oliveira, da imprensa também, a Lucimara Borges da Silva França, o Darley Antônio Ruas, o Francisco Carlos de Assis, o Ivanildo Ferreira da Silva, a Genilza Mendes Ribeiro Fagundes, o Marcos Suel Alves Pereira e o Luciano Barbosa Braga.

Quero cumprimentar também o nosso amigo Guila, Coordenador Estadual do DNOCS de Minas Gerais; o Coronel Luciano, que veio do noroeste do Estado, Diretor da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Esse é um projeto, um sonho de 10 anos, que agora começa a funcionar.

Quero cumprimentar o norte-mineiro Ricardo Demicheli; o Antônio Jiló, meu amigo de Unaí, um dos grandes empreendedores da agricultura; a Ana Maria Soares Valentini — que bom que você veio, Ana! —, representante da Associação dos Irrigantes do Noroeste; a Cátia Regina, Secretária Municipal de Meio Ambiente de Unaí; o Ricardo Rodrigues, Vice-Presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Unaí, representando a COAGRIL — Cooperativa Agrícola de Unaí Ltda.; o Antônio José de Melo, representando a Frente Parlamentar em Defesa do Cerrado de Goiás, o meu querido Goiás. Eu não sei se sou mais mineiro em Goiás ou mais goiano em Minas Gerais, de tanto que Goiás é bom.

Quero cumprimentar também o Vereador Rodrigo Cadeirante, cujo nome não estava aqui na relação — obrigado pela presença, Rodrigo; a Vereadora Graça, eu sei do seu trabalho social fantástico. Nós, inclusive, falamos muito de V.Sa. nesse final de semana.

Quero cumprimentar todos os presentes e também agradecer a toda a equipe da Comissão de Meio Ambiente, ao Ministro da Saúde, Deputado Saraiva Felipe,



grande parceiro das nossas caminhadas. Quero cumprimentar ainda a equipe do nosso gabinete e todos os que estão presentes.

Feitos os cumprimentos iniciais, eu quero já dar prosseguimento à audiência pública, que tem como objetivo discutir a situação das nossas veredas do Cerrado brasileiro, que, como eu disse, é o segundo maior ecossistema da América do Sul, ocupando 22% do território brasileiro.

Mais uma vez, comunico a todos que o evento está sendo transmitido ao vivo pela Internet e gravado pela *TV Câmara*.

Em seguida, concedo a palavra à primeira palestrante desta audiência pública e peço, Profa. Dora, que se atenha ao tempo de 15 minutos. V.Sa. dispõe de 15 minutos e pode usar o microfone e ter mobilidade. *(Pausa.)*

A SRA. MARIA DAS DORES MAGALHÃES VELOSO - Boa tarde a todos. Eu quero aqui parabenizar e cumprimentar o Deputado Zé Silva, que eu conheci hoje pessoalmente. Através dele, eu gostaria de cumprimentar os demais Deputados, Vereadores, autoridades e colegas de trabalho que estão aqui.

Eu temo não dar conta dos 15 minutos, porque professores costumam falar muito, mas eu vou tentar correr um pouquinho.

(Segue-se exibição de imagens.)

Meu nome é Maria das Dores, sou Professora de Ecologia Vegetal na UNIMONTES e coordeno o Programa Vereda Viva. Na verdade, é um retorno à minha origem, porque eu nasci na roça, em áreas de vereda, então tive a felicidade de voltar a trabalhar naquela área em que cresci. Essa é a minha paixão, realmente.

Eu vou falar um pouco sobre o Programa Vereda Viva, instituído, inicialmente, pelo Ministério Público de Minas Gerais nas Bacias do Rio Verde Grande e do Rio Pardo, em parceria com a UNIMONTES — Universidade Estadual de Montes Claros. O Programa Vereda Viva é uma linha de ação da Universidade com o Ministério Público que abriga vários subprojetos: restauração ambiental; educação ambiental e modo de vida dos veredeiros; acompanhamento da vazão hídrica nas veredas; implantação e orientação de viveiros de mudas nativas — para aumentar a renda das comunidades e para podermos ter melhor acesso a elas, já que estamos fazendo o plantio nas veredas e os veredeiros fazem essa produção para nós.



Fazemos também estudo de espécies-chave e análise do colapso das veredas, que, realmente, estão entrando em colapso, e georreferenciamento e uso do solo. Isso ainda está meio tímido, porque é um trabalho extenso e caro, mas estamos fazendo-o gradualmente e acredito que vamos conseguir evoluir nisso.

O que é vereda? Vereda, na verdade, é um ambiente dentro do Cerrado. A imagem mostra o Cerrado em cima e um corredor verde, bonito, com uma vegetação totalmente diferente da vegetação do Cerrado. Essa combinação desse estrato gramíneo, que é esse campo gramíneo, com essa vegetação no meio é o que nós chamamos de vereda. É um sistema dentro do Cerrado bastante diferenciado. Dentro dessa vegetação arbórea, nós vamos encontrar um canal, uma calha da vereda onde a água está sendo armazenada e vai gradualmente sendo transferida para os rios.

Na imagem, a área é a APA — Área de Proteção Ambiental do Rio Pandeiros, no norte de Minas Gerais, que é a nossa área piloto. São 392 mil hectares de APA, onde tentamos trabalhar. Ainda não conseguimos expandir para outras áreas.

Geralmente, as veredas se encontram próximas à nascente e funcionam como vias de drenagem. As setinhas mais claras, no alto da imagem, mostram que a água da chuva cai no Cerrado e percola o solo. As setinhas vermelhas mostram que a água vai escoando para as áreas rebaixadas, que são as áreas de vereda. A borda branca são as áreas arenosas do Cerrado, e a parte verdinha, com o verde mais escuro no meio, é a vereda. Então, a água escoar e vai formando uma calha, que é levemente rebaixada, e depois essa água vai sendo transmitida gradualmente para o rio.

Por que ela vai gradualmente, vagarosamente? Porque a vereda tem um solo turfoso, com muita matéria orgânica. Para tirar terra de dentro da vereda, dessa área verde clarinha, é preciso enfiar um ferro com cerca de um metro de profundidade, porque o resto é matéria orgânica. Ali fica tudo encharcado de água.

Nós temos no Cerrado um lençol freático imenso, que, passada a chuva, emerge nessa área de vereda. Está ali guardada a água. Gradualmente, depois da chuva, a água vai escoando e abastecendo os rios. Os rios que são abastecidos com água de vereda são rios perenes, e os rios que se formam de nascentes são rios intermitentes e podem secar no período da seca.



Qual é a importância da vereda? Ela tem importância social, ambiental, cultural e econômica muito grande. Os veredeiros têm um modo de vida bastante diferenciado do nosso. Eles vivem da terra, eles cultivam próximo das suas casas. As casas deles são construídas com todos aqueles recursos existentes na vereda. Na imagem, por exemplo, a casa é do seu Esaú e da dona Pedrelina. A família tem 14 filhos. Se juntar os netos e as noras, eu falo que é um condomínio: é como se fosse um tanto de casinhas de João-de-Barro, tudo nesse estilo. E eles moram todos juntos na borda da vereda.

Esse solo branco, na verdade, era um solo turfoso antigamente. De tanto pisoteio, de tanto uso, ele virou um solo arenoso. A telha, o telhado, a cobertura é feita da palha do buriti — tem que ser a palha verde. Há o temor deles de retirar essa palha verde, porque a fiscalização não permite, mas eles não podem pôr a palha seca, já que a decomposição é muito rápida. Então, há esses conflitos.

Dentro da casa, o que é cama de noite é o banco em que nos sentamos durante o dia. Fazem-se aqueles jiraus com o pecíolo da folha, aquele pecíolo bem grande, onde nos sentamos. À noite, bota um colchãozinho ali, um colchonete. É o lugar onde eles dormem. É uma vida realmente de penúria, mas é uma vida da qual eles gostam e que temos que estimular para preservar. Temos que melhorar a qualidade, é claro, mas preservando as pessoas nesses ambientes.

Há importância econômica, porque o fruto do buriti, além de cobrir a casa e servir de mobiliário, é usado na alimentação. O fruto verde, ainda hidratado, é usado em geleias, doces, alimentos. Parte do fruto é desidratada e vendida. A indústria de cosmético usa o fruto do buriti como matéria-prima de cremes e hidratantes corporais e os vende muito caro, ao passo que as pessoas que estão extraindo o fruto são as que menos ganham com isso.

Esses projetos pretendiam melhorar a qualidade de vida dos veredeiros, que eles passaram a ser nossos filhos, pais e irmãos desde que começamos a trabalhar lá. Vamos lá todos os meses. Convivemos muito com eles.

Implantamos um viveiro de mudas, que é bastante rudimentar. Cedemos o sombrite, os saquinhos e as caixas d'água, e eles pegaram as sementes e as nossas orientações para produzir as mudas, usando as árvores para montar esse viveiro. Nessa estrutura, nós conseguimos fazer com que o veredeiro produzisse em



torno de 20 mil mudas. Eles nos venderam a 2 reais cada muda. Subsidiámos no início e depois eles nos repassaram por 2 reais a muda. Com isso, eles compraram moto, tiveram uma melhor qualidade de vida, puderam pôr luz solar na casa.

Por isso, achamos que fizemos um trabalho que valeu a pena nesse sentido, além de proporcionar beleza cênica. Depois de um trabalho exaustivo de levantamento de dados, nos deitamos no chão da vereda para ver as araras voarem, escutar os pássaros e descansar um pouquinho. Nessa imagem, estamos deitados às 3 horas da tarde dentro de uma vereda. Há muita beleza, e não há um ambiente em que podemos nos sentir mais tranquilos!

Como estão as veredas? Essa imagem branca aqui em baixo já é um mau presságio, por quê? O Cerrado está adentrando a vereda. Aquele solo que antigamente era turfoso está passando a ser um solo arenoso, e, provavelmente, se não houver uma contenção rápida, digo, em 2 anos, 3 anos, ele vai invadir a calha da vereda, e a vereda vai morrer. Se essa areia se aproximar da borda e assorear, não terá mais retorno. Infelizmente, eu já presenciei duas veredas morrerem. Para mim, foi como se um pedaço de mim tivesse ido junto, porque eu não pude fazer nada.

Nessa imagem nós temos o solo da vereda. O solo é mais ou menos isso. Não está normal aí porque não tem as gramíneas, não tem aquela parte verde. Queimou.

E como ocorre o fogo na vereda? Ocorre embaixo, ele não queima por cima. Ele até atinge o topo, mas começa no solo, naquele 1 metro de que falei de solo turfoso. Na seca, quando está mais ressecado, ele começa a queimar, e só vemos aquela poeira, a cinza. Então, ele retira toda a estrutura da vegetação.

Nessa imagem, estou no Parque Estadual Serra das Araras, no Veredas do Acari, segurando um arame farpado, que é uma cerca de proteção. Do meu lado esquerdo está cercado, não entra gado; do lado de cá tem gado. Vocês podem ver que onde o gado pisa acaba tudo. Eu costumo falar que o gado tem cinco bocas. O boi tem cinco bocas: a que come e quatro que pisoteiam. A destruição é do mesmo tanto. Eles não param de comer nem param de andar, então eles destroem tudo. Não dá para combinar criação de gado com vereda. É humanamente impossível visualizarmos isso.



Aqui é onde o gado pisoteia. Vejam como está esse solo. Só ficou o buriti, porque o gado não deu conta de pisar onde estava o buriti. Essa área está destruída, não tem mais conserto. Essa área de vereda infelizmente está perdida, não temos mais o que fazer.

Se alguém gosta do *Globo Rural* e assistiu ao programa de número 600 ou 500, se não me engano, viu que o apresentador mergulhou ali dentro. Era cheio de vegetação e cheio de água. Três anos depois, a paisagem passou a ser essa aí. É uma coisa muito triste, porque 3 anos é muito pouco tempo para as ações que vimos fazendo.

Eu tenho dois projetos de recuperação que estou acompanhando há 4 anos. As mudas cresceram de 20 centímetros a 1 metro; aquelas que se acomodaram melhor cresceram 1 metro em 4 anos. Entretanto, em 2 dois anos conseguimos ver uma vereda destruída a ponto de não voltar mais a ser o que era antes.

As pessoas criam o gado solto. Infelizmente, hoje nós temos que cercar os parques, porque o dono da criação não cerca seu gado, cria-o à solta. Por isso, temos que proteger o parque, porque o dono não protege o que é dele. Ele pode criar o gado solto. Ele põe fogo na área dele e não tem controle sobre o fogo, porque isso aí é um combustível, essas gramíneas têm mais ou menos 1 metro de altura e, quando pegam fogo, vão embora. O fogo perde o controle e entra na vereda.

Essa vereda teve mais de 7 hectares queimados, e agora e não tem mais jeito. Nós havíamos feito um plantio de buriti e de xiriri, e acabamos perdendo tudo. É muito triste isso!

Aqui o fogo já queimou o solo, já emergiu e está chegando à vegetação.

Essa imagem mostra uma área onde o fogo queimou só embaixo, ele foi só no solo, foi bem sorrateiro. Podem ver uma arvorezinha ali com uma folhinha marrom, porque o fogo matou, desidratou. E esses buritis com as folhas amarelas o futuro deles é tombar, é cair. Às vezes, estamos na área e vemos a planta caindo em cima. Aquilo é de estarrecer!

Além disso, há as aves, a fauna, e a macrofauna, que são os micro-organismos, aqueles insetos pequenos que ficam no solo e também prestam serviços ambientais. A vegetação, o solo vai restabelecer e se regenerar se houver essa ciclagem de todos os seres ali. Isso aqui acaba destruindo e mata.



Aqui é a nascente de uma vereda. Essas fotos devem ter em torno de 6 anos. Aqui é a nascente do Rio Pandeiros, a vereda é larga. Esse rio é praticamente todo abastecido com veredas. Na imagem, temos a nascente dele, a área de Pandeiros e o Cerrado, com longas extensões de veredas. Aqui na nascente do rio é muito bonitinho, pequeninho, com 1 metro de largura e entre 20 e 30 centímetros de profundidade. No Médio Pandeiros, o rio chega assim. Aqui é o pântano, o Pantanal mineiro, de que todos vocês já devem ter ouvido falar. Há uma beleza cênica maravilhosa! A foto é de 2009, quando havia esse lago imenso que observávamos lá. Aqui já é uma foto tirada em 2014.

Então, nós estamos vendo que houve um assoreamento muito grande. Essas espécies aí são praticamente espécies invasoras. Aqui nós temos, no período da seca, um pântano. Imagina o que é isso! Esse Pantanal era o berçário dos peixes do Rio São Francisco, porque ia à foz. O peixe subia, desovava e reproduzia. Mas agora, vejam a condição.

Essa é uma foto de 2009. Eu estive lá em dezembro e vi que o gado já está andando para todo lado. Gado normalmente não combina com pântano, porque ele tem medo de morrer atolado. Então, a condição lá é muito pior.

Aqui, uma imagem do Parque Estadual da Serra do Cabral. É para mostrar a vocês que não é só a APA do Rio Pandeiros, o norte de Minas, mas o Cerrado todo está gritando por socorro.

Nós fizemos um levantamento em 17 veredas. Nessas 17 veredas, onde o solo deveria estar bem úmido a gente anda por ele e levanta poeira, porque está tudo queimado. É uma vereda de altitude, uma vereda mais alta. Das 17 veredas e nascentes, em apenas três não havia gado e somente três estavam numa condição melhorzinha, todo o resto tinha gado e fogo. A seguir, a imagem mostra o fogo, o gado morto dentro de uma vereda. Em um lugar onde tem pasto, onde tem água, onde tem tudo, o gado está morto? Alguma coisa estranha está acontecendo.

O que nós já fizemos para proteger as veredas? Vários trabalhos foram desenvolvidos. Depois eu deixarei a apresentação e vocês poderão acompanhar. Vários trabalhos já foram feitos dentro da APA do Rio Pandeiros. Fizemos capacitação com as comunidades, com as escolas, e promovemos educação ambiental. Pensamos nas crianças e trabalhamos educação com as crianças. Mas



me veio a ideia: eu estou trabalhando com a criança e o ambiente está degradando em tão pouco tempo, e essa criança vai cuidar de quê? Então, eu vou ter que trabalhar é com o adulto. Nós precisamos mostrar isso para o adulto. Nós é que temos que deixar alguma coisa para as crianças, porque elas já estão muito sabidas. Minhas netinhas já falam de preservação do meio ambiente, ao passo que há pessoas da minha idade que não se preocupam com isso. Então, fizemos vários seminários em várias escolas, fizemos audiência pública, e conseguimos instituir uma lei para os vereadores, para as comunidades tradicionais em Minas Gerais.

Aqui é a Chapada do Peruaçu, o Parque do Peruaçu. Todo mundo fala do Parque do Peruaçu. Quem vem do exterior fica doido para conhecer. É lindo, mas está morrendo, porque a vereda está acabando. A parte amarela, vocês podem ver pela altimetria, são as partes mais altas, e as partes de baixo, com os risquinhos azuis, são as veredas, é de onde elas estão saindo. Elas saíam lá de cima, mas o lençol freático já rebaixou tanto que elas já estão aqui embaixo. Daqui a uns dias, nós não as teremos mais. Tem vereda aí que já não existe mais.

Aqui é só um desenho hipotético da Chapada do Peruaçu para vocês observarem. Infelizmente, o ponteiro não vai dar para eu mostrar, mas há a vereda do Peruaçu e uma coisinha branca lá embaixo mostrando o lençol freático suspenso. Esse lençol freático nunca poderia estar suspenso. A vereda ainda está conseguindo reter a água, mas ela tinha que estar em contato com esse lençol freático regional. Mas o que está acontecendo? Vocês podem ver no ponto de cá e ao fundo também poços artesianos. Estão abrindo poços artesianos nas veredas. Estão abrindo poços artesianos no norte de Minas inteiro, e eu acho que no Cerrado inteiro.

As pessoas estão pensando que a água daqui de cima está escassa porque não está chovendo, mas não é isso. Está chovendo, está diminuindo muito pouco o nível da chuva. Mas nós aumentamos a população e não nos educamos. Nós consumimos do mesmo jeito que consumíamos há 20, 30 anos. Então, estamos tirando água, o lençol freático está baixando e nós vamos ficar com sede.

Existe uma relação muito grande entre as veredas e a água. Onde há vereda há água. Onde há água há o buriti. Então, assim, a vereda é o termômetro. Ela está nos mostrando que, se nós não cuidarmos muito rápido do ambiente, vamos ficar



sem água, porque elas estão morrendo de sede antes da gente. Nós temos que cuidar disso.

Encontramos várias dificuldades, tais como demandas ambientais, carência de conhecimento. As políticas públicas, às vezes, são intermitentes. Elas começam, mas não há acompanhamento e não há eficiência, então a coisa fica meio perdida, principalmente, para aquelas pessoas que moram lá longe. Elas já não têm mais esperança. Quando chegamos lá, elas ficam pensando: *“Mais uma novidade que depois desaparecerá”*.

Há poucos recursos financeiros voltados para essas demandas ambientais. O que nós levamos de dinheiro é muito pouco para tratar do meio ambiente, mas o meio ambiente se degrada muito rapidamente e ele nos responde com a eficiência com que o estamos tratando. Ele está nos respondendo à altura.

Problemas longínquos, nós temos. Eu viajo muito com meus alunos. Pelo menos uma vez por mês eu vou a campo com meus alunos, e quando não vamos de carro, nós vamos de ônibus. Hoje sou motorista da universidade, já pedi autorização para dirigir, porque tem que ser carro traçado. E temos que ir mesmo. Quando o carro atola, nós o empurramos. É uma vida muito desgastante, mas é boa. Gostamos. Eu falo para os meus alunos que eu gosto de sofrer, porque eu não quero sair dali. Eu quero mudar o mundo.

Há algumas recomendações que eu deixo para depois olharmos.

Obrigada. Desculpe-me pela demora. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Cumprimento a Profa. Dora. Na verdade, hoje, esta audiência pública é para colocarmos essas situações. Só a Profa. Dora nos daria um curso, conhecedora que é de todos esses problemas, que conheço também. Como diz a música sertaneja, cada palmo daquele norte ali, do Jequitinhonha e parte do noroeste, tem as nossas veredas.

Quero cumprimentar o Presidente da IRRIGO — Associação dos Irrigantes do Estado de Goiás e do Sindicato Rural de Cristalina, Sr. Alécio Maróstica, representando aqui o Estado de Goiás, que tem um grande contingente do Cerrado brasileiro. Obrigado pela presença.

Em seguida, passo a palavra ao jornalista Luiz Ribeiro dos Santos, do jornal *Estado de Minas*. A reportagem que o Luiz fez foi uma saga pelos caminhos de



Guimarães Rosa, o que me inspirou a conhecer essa região. O Luiz conseguiu, com muita maestria, fazer essa saga nos seis dias em que ali caminhou e que eu caminhei, ao ler a reportagem, na imaginação, vendo-o passar pelas estradas, vendo ali os animais, as vegetações, as pessoas.

Então, Luiz, queria cumprimentá-lo e dizer que, na verdade, foram você e a Dora que nos inspiraram a propor — e ver aprovada — esta audiência.

V.Sa. tem 15 minutos para a sua exposição.

O SR. LUIZ RIBEIRO DOS SANTOS - Boa tarde a todos. Eu cumprimento o Exmo. Deputado Zé Silva, Presidente desta Comissão, o Deputado José Saraiva Felipe, os demais Parlamentares que aqui estiveram e os meus companheiros de Montes Claros. Cito aqui o Presidente da Câmara, Cláudio Prates, na pessoa de quem cumprimento a todos.

Eu vou tentar resumir um pouco esse nosso trabalho dentro do tempo que foi concedido. Antes, eu queria dizer que a gente faz as coisas, e o que mais nos motiva é inspirar, e é o que eu acho que está acontecendo aqui. Então, eu quero cumprimentar a Câmara. E acho que este foro é o ideal para esse tipo de discussão, pois não é simplesmente uma questão ligada ao norte de Minas Gerais, mas é ligada ao Brasil e ao mundo. Nós estamos tratando de água, que é a fonte da vida.

O nosso trabalho foi uma reportagem, como o Deputado Zé Silva falou. Este é um momento oportuno para essa discussão porque exatamente neste ano o tema da Campanha da Fraternidade é *Biomass brasileiros e a defesa da vida*. Então, mais uma vez, cumprimento a Comissão por este evento.

O Prof. Altair Sales Barbosa, da Pontifícia Católica de Goiás, diz o seguinte:

As plantas do Cerrado são de crescimento muito lento. Quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, os buritis que vemos hoje estavam nascendo. Eles demoram 500 anos para ter de 25 a 30 metros. Também por isso, o dano ao bioma Cerrado é irreversível.

O Deputado Zé Silva mencionou a nossa reportagem como uma saga. De fato, Deputado, foi mesmo uma saga. Antes, eu tive que ler muito esse livro aqui, que, na verdade, é quase uma bíblia: *Grande Sertão: Veredas*, um livro difícil, para que eu pudesse compreender isso.



Por que a reportagem? Por que o livro *Grande Sertão: Veredas*? Porque, nesse livro, há 60 anos, os personagens a todo momento chegavam a locais onde havia água. Esses locais, na verdade, são as veredas do sertão mineiro, que é o universo desse livro. E como a série foi planejada? A partir do livro, quando o escritor tem uma visão de mundo e da vida da seguinte forma: o homem, que são os personagens; o ambiente, que é a degradação que vemos hoje; e a esperança.

O que é a esperança? São projetos como os que a Profa. Dora mencionou aqui com muita propriedade.

O que nós fizemos no caminho das veredas? Foram percorridos 2.100 quilômetros em 12 Municípios, tanto do norte de Minas como do noroeste mineiro. E a Profa. Dora mencionou muito bem — até agradeço a ela — que esses são locais de acesso extremamente difícil. Então, mais uma vez, eu cumprimento a Câmara por trazer isso a público para o Brasil, porque ali é que está a solução do nosso problema da água.

Aqui está um pouquinho do que foi a série.

(Segue-se exibição de imagens.)

Vocês podem ver ali aquela primeira matéria, cujo título foi *Veredas Secas*. Em cada página, há um infográfico feito pelo *Estado de Minas* e, na abertura de cada página, há uma citação do escritor Guimarães Rosa em que ele faz referência às veredas, à vida, às águas e, principalmente, aos buritis, que, como a Dora colocou, são sinal de existência de água por esse sertão.

A reportagem, sob aquela primeira manchete, fala das pessoas — os órfãos das veredas. Na verdade, órfãos somos todos nós que dependemos da água, e não só os moradores de lá. Falamos dos problemas, da devastação, das queimadas.

Um detalhe interessante é essa última matéria, chamada *Veredas Atropeladas*. Ela mostra um problema sério, que é a questão das estradas.

Qual foi a situação encontrada por esse périplo nessa região? Quais foram as principais formas de destruição desse ecossistema? Elas foram o assoreamento, as queimadas, a criação de gado, o desmatamento em função da produção de carvão e também a degradação provocada pelas estradas. E quais são as consequências? As consequências são a falta de água, os rios secos, o desemprego, o abandono da zona rural, enfim, toda uma carga de problemas que o Brasil sofre.



Aqui estão algumas fotos de algo de que a Dora já falou. E eu queria exibir um vídeo, rapidamente, para vocês testemunharem que situação é essa.

(Exibição de vídeo.)

Este é só um pequeno recorte dessa situação vivida por milhares de pessoas. Nós percorremos centenas de veredas e centenas de nascentes, vamos dizer, centenas de corpos. E qual é a principal consequência dessa situação tão drástica? O principal atingido por essa degradação, por essa destruição, sim, é o Rio São Francisco, porque o Cerrado brasileiro é a nossa caixa d'água, ele é o formador dos nossos rios e abriga o Aquífero Guarani, o Aquífero Bambuí. Enfim, em toda a extensão territorial brasileira, a maior parte dos rios nasce nesse local, no Cerrado brasileiro.

Falamos da nossa satisfação de estar aqui neste momento, pois de nada adiantaria se fizéssemos todo esse trabalho, todo esse investimento, todo esse esforço e nada acontecesse. Eu acho que isso aqui é um resultado importante, talvez seja o começo, Deputado, para pensarmos na situação, inclusive no Brasil, da questão da água.

Quando se fala em escassez hídrica, o assunto, às vezes, é um pouco novo. São Paulo ter falta d'água, Brasília ter falta d'água? Tudo começa aqui. Começa lá naquele filete de água, na nascente que a Dora falou. Ali está a solução do problema.

Então, eu acho que esta Comissão tem esse compromisso, e a gente quis mostrar isto: não adianta ficar só no problema; é preciso inspirar e, principalmente, apontar soluções e ações efetivas. Por isso, acho que esse trabalho foi cororado.

Ainda bem que o jornal *Estado de Minas* pôde permitir isso. Foi um trabalho do jornal, que investiu, e a gente fez questão de mostrar isso os canteiros de esperança que existem e, se o País tem problema, também tem gente que pensa, tem gente que luta, tem gente que sonha, tem gente que age. Então, essa é uma expectativa.

E o que se espera? Esperam-se investimentos em ações que venham efetivamente garantir a recuperação e a preservação das Veredas, aliás, não só isso, gente, mas a salvação das águas, dos córregos, dos rios, dos grandes rios e a salvação da vida.



Bem, hoje, o Brasil é um País em transformação. Nós falamos em reforma política, reforma trabalhista, reforma tributária, reforma da Previdência. No entanto, nada vai mudar para a retomada do crescimento, do progresso, se não for feita uma reforma que, de fato, contemple a área ambiental e possa salvar as nossas nascentes e nossas águas. Somente um país com água, com meio ambiente preservado, vai poder crescer realmente.

Eu quero aproveitar esta oportunidade para fazer um apelo pela região onde nós vivemos, no norte de Minas, uma região sofrida e, neste momento, ainda mais, porque a situação é de calamidade em alguns lugares. Eu peço, neste momento, à Comissão e aos Deputados que olhem para essa região com mais carinho e realmente ajudem aquele povo.

Bem, eu quero encerrar esta minha fala — eu tenho algum tempo ainda — com esta frase: *“Se encontrar, em algum lugar, um buriti morto é sinal de que algum curso d’água está morrendo junto”*.

Portanto, vamos agir antes que morramos junto. É isso, então.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Saraiva Felipe) - Eu queria agradecer ao nosso jornalista Luiz Ribeiro, meu amigo de muitos anos e que faz do jornalismo, além de um espaço de comunicação, também um instrumento para discutir grandes temas regionais que dizem respeito ao norte de Minas.

Então, parabenizo o meu amigo Luizinho Ribeiro e passo a palavra ao Prefeito de Urucuia, Rutílio Eugênio Cavalcanti Filho. Urucuia, sem dúvida nenhuma, está nessa rota de Guimarães Rosa e deve ser um dos pontos mais centrais da obra Grande Sertão: Veredas.

Com a palavra, meu amigo Rutílio Eugênio Cavalcanti Filho, Prefeito Municipal de Urucuia.

O SR. RUTÍLIO EUGÊNIO CAVALCANTI FILHO - Boa tarde a todos! Quero cumprimentar o Deputado majoritário de Urucuia por seis mandatos consecutivos, Deputado Saraiva Felipe, meu amigo, meu irmão.

Quero agradecer muito a presença de um Deputado também muito bem votado — e que será votado novamente — em Urucuia, Zé Silva, que me indicou para estar aqui dando esta pequena contribuição.



Quero saudar o Reinaldo, Chefe de Gabinete; o Ivonei, Assessor do Deputado Marcelo Álvaro; o Dr. Rodrigo Rodrigues, da CODEVASF; o Dr. Fernando Britto, amigo há 25 anos, da CODEVASF, na qual presta atendimento priorizando as situações; todos da Mesa e o público presente.

Eu moro na roça, moro no Sertão urucuiano, onde, com muito orgulho, fui Prefeito por quatro vezes, e falar sobre meio ambiente, falar sobre Veredas — as Veredas muito bem faladas por Guimarães Rosa, há 60 anos, em *Grande Sertão: Veredas* — é um tema muito preocupante porque as Veredas não são mais aquelas de Guimarães Rosa, não são mais aquelas que ele descreveu há 60 anos.

A primeira palestrante, Dra. Maria das Dores, mostrou muito bem a destruição de Veredas. O jornalista Luiz, que esteve aqui, sempre acompanha as destruições que nós, seres humanos, temos provocado por centenas de anos ao Cerrado. E eu quero dizer que, embora seja um sertanejo de Urucuia, sem formação acadêmica alguma, posso demonstrar, daqui a pouco, em um vídeo que irei passar, que é possível recuperar Veredas.

A preocupação hoje é preservar aquelas Veredas que ainda não foram destruídas, manter bonitas as que ainda são permanentes, mas, de alguma maneira, queremos recuperar as Veredas.

Eu quero dizer que, no meu Município, chove de 1.200 a 1.400 milímetros por ano, nos anos em que chove normalmente. Isso corresponde de 12 a 14 milhões de litros de água que caem por hectare. Essa água cai e vai embora. Nós precisamos segurar a água; solução, nós temos. Nós temos como recuperar as Veredas, como nós vamos mostrar daqui a pouco, e convido vocês a irem à Fazenda Cupim para verem como foi feita a recuperação das Veredas nas propriedades da minha família.

Precisamos fazer terraceamento e curva de nível porque nós destruímos todo o Cerrado, aqueles que não tinham conhecimento. Mas há grandes agricultores do noroeste mineiro, de Mato Grosso ou de Goiás, por exemplo, o Município de Cristalina é um Município modelo. Lá, cuja altitude é de 1.100 a 1.200 metros, tem chovido, em média, 1.500 milímetros nos últimos 50 anos, e eles têm conseguido segurar as águas. Já construíram 260 barragens, fizeram o plantio direto da soja e do milho, evitando a erosão, e terraceamento onde foi preciso. Hoje, o Município é modelo, com mais de 60 mil hectares plantados e mais de 700 pivôs centrais. Há



poucos anos, só tinha 8 culturas, mas hoje já tem 45 culturas. Deputado Saraiva, até oliveiras estão sendo plantadas lá, de forma irrigada, produzindo azeite e azeitona da melhor qualidade do mundo.

O Município de Unaí, o maior produtor de grãos de Minas Gerais, já tem mais de 30 mil hectares plantados. É só através de irrigação, de barramento, de curva de nível que vamos conseguir diminuir os problemas e recuperar as Veredas.

Eu tenho viajado por todo este Brasil e até mesmo para a Europa. E vi que lá, na Europa, não existe uma árvore na mata ciliar, mas está tudo muito bem preservado. Entretanto, nós temos 20% de Cerrado, de reservas, de APPs — Áreas de Preservação Permanente, que não podem ser mexidas, e agora eu digo: nós temos soluções. Precisamos corrigir o que nós destruimos. E os terraceamentos, feitos com responsabilidade, as barragens, até Veredas em grandes barragens aí, estão contribuindo, estão irrigando, estão gerando renda, estão gerando emprego, estão gerando desenvolvimento para Minas Gerais e para o Brasil.

Nós precisamos acreditar nisso e achar a melhor forma possível de recuperar nossas Veredas, de preservar as nossas Veredas que estão intactas. E acredito que pode ter recuperação até mesmo no norte de Minas, porque, nos Municípios onde menos chove, são cerca de 800 milímetros, 8 milhões de litros de água por hectare.

A água que cai no Sertão não pode ir para o mar. A água cai e vai embora. Vimos, há poucos anos, que em Sergipe, em Pernambuco e em Alagoas, houve muita chuva na cabeceira, a água desceu e destruiu várias cidades na beira dos rios. Então, precisamos segurar as águas. Água que cai no Sertão não deveria ir para o mar, deveria ser segurada.

Eu gostaria de mostrar isto. Depois, posso completar.

(Exibição de vídeo.)

Deputado Zé Silva, agradeço muito a oportunidade de estar aqui nesta audiência pública de meio ambiente. Eu não tenho nenhuma formação, estamos aprendendo aqui. Mas eu, que moro na roça, moro na fazenda, em Urucuaia, onde tenho propriedade há 37 anos, tenho certeza de que podemos ajudar com a nossa experiência de recuperar águas através de terraceamento, feito com responsabilidade, inclusive de barramento, porque, a cada mil milímetros que chove, são 10 milhões de litros que vão embora em 1 hectare, 10 mil metros.



Nós precisamos segurar a água. Cristalina está segurando mais ou menos a metade da água da chuva, está utilizando só 8% do que chove — os 1.500 milímetros — e está com mais de 60 mil hectares plantados. Então, eles estão de parabéns!

E eu sou a favor do resultado. Cristalina já tem 260 barragens. Unai tem mais de 30 mil hectares plantados. É um plantio com responsabilidade, plantio feito no Cerrado, plantio direto, sem danificar o meio ambiente, e terraceamento onde há qualquer descida.

Nós precisamos plantar água no alto para ela voltar a recuperar as nossas Veredas. Tenho certeza de que nós podemos recuperá-las, mas, para isso, precisamos de investimentos nelas, precisamos de facilidade dos órgãos ambientais e recursos do Congresso Nacional para viabilizar ao Município a realização de um trabalho, como foi feito no Paraná nos anos 70.

No Paraná, havia o carregamento de um volume muito grande de terra. Foi feito um trabalho de terraceamento, e o Paraná se transformou daquela década para cá. O Paraná hoje é outro.

Nós queremos que as Veredas do grande Urucua, as Veredas de Guimarães Rosa, sejam recuperadas para que voltem a ser como há 60 anos. Queremos ter água em abundância, como tínhamos há 60 anos. Nós queremos e precisamos também produzir grãos e desenvolver nossos Municípios, nossos Estados e o nosso País.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Agradeço ao Prefeito Rutílio.

Agradeço também ao Deputado Saraiva Felipe, que ocupou a coordenação destes trabalhos.

Vocês não estão tendo a oportunidade de acompanhar o Plenário. Eu fiquei até um pouco ávido por permanecer no plenário, porque as discussões sobre o pagamento das dívidas dos Estados estão acaloradas. Principalmente em nossa Minas Gerais, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, a situação é de calamidade financeira e pública. Por isso, o debate está bem quente antes das votações.

Dando prosseguimento aos nossos trabalhos, queria dizer também que às 16 horas nós teremos outra atividade. Nosso tempo é exíguo.



Passo a palavra ao Dr. Maurício Roberto Fernandes; este, sim, é doutor. Quando nós assumimos a Presidência da EMATER, ele, junto com a CODEVASF, fez o maior projeto de revitalização de um rio brasileiro até hoje, do Rio São Francisco.

Em Minas, há 240 Municípios na Bacia do São Francisco, não é Tadeu? Para cada um desses 240, sob a liderança técnica do Dr. Maurício, foi elaborado um projeto executivo de sub-bacia hidrográfica. Ele deve falar das técnicas de preservação ambiental, de restauração. Por isso, S.Sa. está aqui nesta tarde. Também, ele foi um dos que nos inspirou, junto com outros colegas do norte.

Quero destacar aqui a presença do Carlão, da EMATER, e também do Astolfo, de São Francisco; do José Ricardo, que hoje é o nosso Secretário-Ministro; do Ricardo Demicheli, Diretor da ANATER.

Começamos um trabalho de projetos simplificados de abastecimento de água para as comunidades rurais, Profa. Dora. A comunidade se senta com o técnico extensionista e define como será feito o projeto, geralmente captando água de uma fonte que já existe. Depois, há também a gestão do sistema comunitário de abastecimento de água. Já foram feitos, depois que nós assumimos a Presidência da EMATER, 1.100 projetos, em 1.100 comunidades, para mais de 60 mil famílias.

Isso gerou, inclusive, polêmica. Os senhores receberam um folheto: *O Polêmico Moisés do Sertão*, exatamente porque as pessoas não querem a liberdade das famílias, dos ribeirinhos, dos agricultores, querem que eles fiquem dependendo do caminhão-pipa. Talvez, ali haja um fato importante em relação ao caminhão, porque ali se gera a dependência. Nós queremos essa libertação, e o Maurício foi nosso instrutor — não é, Ricardo? —, nosso líder nesse projeto.

Eu queria a sua presença também, Maurício. Como estamos homenageando a CODEVASF; a imprensa e o Luiz, pela sua saga; a academia, representada pela Profa. Dora; os Prefeitos que acreditam na preservação ambiental, estou homenageando os extensionistas brasileiros através de você, Maurício. Obrigado pela sua presença.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO FERNANDES - Obrigado, Zé. Eu lhe agradeço, primeiro, por esses elogios e, segundo, porque você conseguiu me fazer parar de



fumar durante um tempão. Se eu começar a tremer, já sabe o motivo. Eu agradeço muito a presença de vocês.

Cumprimento o Prefeito de Urucuaia, que tem muita razão. Em algumas regiões do Semiárido, a água é perdida, lugares onde chove 800 milímetros, mas 70% são perdidos por escoamento. E a água que vira enxurrada só causa problema — traz a erosão do solo, e o produto da erosão entope as Veredas, entope os cursos d'água e, além disso, se transforma em poluentes.

Nós estamos trabalhando com paisagem em Minas Gerais. Aliás, produzimos um livro na gestão do Dr. Zé Silva, analisando a paisagem.

A preocupação deve ser com a Vereda em si, só com a Vereda? Não. É preciso se preocupar com o ambiente que gera a Vereda. As Veredas estão em ambientes do Cerrado. Nós temos que ter com a Vereda o mesmo respeito que os beduínos dos desertos têm com os seus oásis. A Vereda não deixa de ser um oásis nos grandes sertões. A Vereda é um ambiente extremamente frágil, que depende dos seus vizinhos, que são áreas do Cerrado.

No final, nós vamos propor medidas muito simples. O que podemos fazer? Há técnicas para conter a perda de água nas regiões onde o ambiente geológico favorece o escoamento, a enxurrada. É o que nós chamamos de colheita de água de chuva. A Vereda é um ambiente extremamente frágil.

Nós vamos fazer um comercial de Minas Gerais. Tudo o que se fizer em prol da natureza, dos recursos naturais em Minas Gerais, pode ser aproveitado em outras regiões do Brasil. Minas Gerais é uma síntese do Brasil. Há ali praticamente todos os ecossistemas brasileiros, com exceção praticamente do amazônico. Então, o que se fizer de certo ou errado em Minas Gerais pode ser aproveitado em outras regiões do Brasil.

Esta região em amarelo é o Cerrado. É o ambiente onde se inserem as Veredas. As Veredas fazem parte do ecossistema Cerrado. E o Cerrado é extremamente variado: Cerrado *stricto sensu*, típico; o Cerradão; o Campo Cerrado. O Cerrado é bem expressivo em Minas Gerais — perto do Triângulo Mineiro, pelo noroeste, em parte do Jequitinhonha. E, dentro do sistema Cerrado, há um sub-ecossistema, que são as Veredas.



Com relação ao trabalho de identificação de biomas em Minas Gerais, foram esquecidos dois grandes biomas, o da Serra do Espinhaço, bastante característico, e o da região calcária, bastante expressivo no Estado.

Quando eu tossir, é vontade de fumar. Então, vocês têm que ter paciência comigo.

Minas Gerais é um laboratório para se fazer isso.

Todas as vezes que eu me preocupar com meio ambiente, eu tenho que me preocupar com três coisas: geração de renda, preservação e recuperação. Então, cada unidade de paisagem tem um enfoque diferente.

É muito comum, ao se tratar de meio ambiente, se falar só em preservação, esquecendo-se de que há paisagem que tem que gerar renda. E aquilo que nós já degradamos, temos que recuperar.

Nós fizemos para Minas Gerais uma caracterização das principais unidades do Estado — por exemplo, topo de morro, vertente, várzea. Para cada uma, há um enfoque diferente nesse triângulo. Isso é o que nós estamos chamando de triângulo da sustentabilidade.

Esta aqui é a base do nosso trabalho. O primeiro é muito comum nas regiões do Triângulo Mineiro, do noroeste e de parte do Jequitinhonha, onde ocorrem as Veredas. Há o Cerrado, que é uma chapada, e há pontos desta chapada em que ocorrem as Veredas.

Nós vamos explicar isso. O que é a chapada? A chapada é uma área totalmente plana. O que se deduz disso? Qual é o caminho que a água de chuva toma nessa área totalmente plana? Ela infiltra? Se ela está constantemente infiltrando, que tipo de solo vai haver ali, profundo ou raso? Profundo? Se ele é profundo, tende a ter uma fertilidade maior ou menor? Menor, porque está sempre lavado. Esse é o ambiente onde se desenvolve o Cerrado típico, os Cerrados das chapadas.

Em pontos dessa chapada, nós temos locais em que o lençol freático aflora. Nesse ponto onde o lençol freático aflora, surge o ambiente Vereda, que é expresso pelos buritis.

Basicamente, considera-se aqui o livro *Grandes Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa.



E há também Vereda também nas encostas. Quando existe a encosta, o lençol aflora também e surge a Vereda de encosta.

Então, o ambiente Vereda é um ambiente específico, frágil e depende do que eu faço nas áreas ao redor. Se eu me preocupar simplesmente com a Vereda, eu não estou me preocupando com o entorno dessa Vereda.

Só para mostrar um modelo aqui de paisagem, para que analisemos. Seria este modelo aqui, este segundo modelo, do leste de Minas Gerais, onde ocorre o bioma Mata Atlântica.

Nesse ambiente, há aquelas colinas — o topo da colina é plano, alongado, e há infiltração, que abastece o aquífero freático —, e as planícies, as várzeas.

Este outro aqui é a formação serra, que são cristas. Essa serra, quando aquece, a rocha dilata; quando esfria, contrai. Então, abrem fraturas, e essas fraturas também armazenam água. E aqui há esta descida.

Então, o nosso enfoque hoje seria com relação às Veredas. E vamos mostrar qual é o ambiente da Vereda.

Este é um modelo no Município de Santa Vitória, no Triângulo Mineiro. Temos a chapada, que é a superfície plana e, em pontos dessa chapada, surge o lençol freático, que é o ambiente onde se desenvolve a Vereda.

Estão vendo aquela parte vermelha que parece uma erosão? Aquilo é uma rocha chamada arenito. Essa rocha é porosa. Então, a água de chuva que infiltra na chapada é armazenada nesses poros da rocha, que são chamados de aquíferos.

Toda água subterrânea é chamada de aquífero, em meio poroso, que é o caso do Aquífero Guarani, que o Deputado Zé Silva citou aqui.

Então, esta aqui é uma paisagem do Cerrado, que ocorre em mais de 40% do território de Minas Gerais. Então, a chapada é um ambiente onde também se desenvolvem as Veredas.

O ambiente Vereda é muito simples. Os solos que ocorrem no ambiente Vereda são chamados de hidromórficos, que são os solos conhecidos como solo de brejo. Esse solo de brejo tem a cor cinzenta, é umedecido, onde se desenvolve, conforme a professora disse, aquela vegetação típica da Vereda. São nascentes difusas. Você tem um conjunto de nascentes dentro da Vereda. Você não sabe se é aqui ou aqui. Elas são difusas e lineares também.



Então, é um ambiente onde ocorrem nascentes e, portanto, é uma área de preservação permanente, e é um solo de brejo. E a vegetação, então, é típica desse ambiente.

Para degradar uma Vereda, a coisa é muito fácil, porque, primeiro, é um ambiente frágil, de enorme fragilidade e, segundo, isso ocorre quando se rebaixa o lençol.

Como se rebaixa o lençol? Através de algumas práticas impróprias. Quando eu faço, por exemplo, uma porção de poços sem nenhum estudo prévio, esse lençol vai rebaixar. Se o lençol rebaixa, o ambiente vereda desaparece. Então, não vamos ter aquele ambiente de buritis e outras plantas.

Em relação à sedimentação, quando há o uso das áreas do entorno das veredas, ocorre a erosão, como o Prefeito disse aqui. Esse material da erosão é transportado e depositado na vereda, descaracterizando-a. Nós temos muitas veredas prejudicadas em Minas Gerais pelos depósitos nos solos das chapadas e dos arredores das veredas.

Sobre contaminação, alguns agroquímicos de alta solubilidade, que são usados nas áreas do entorno das veredas, podem atingir o aquífero e, por sua vez, a vereda.

A vereda tem uma importância fundamental para a hidrologia da Bacia do São Francisco. Então, degradar uma vereda é muito simples: rebaixa-se o lençol, tira-se o ambiente, tem-se a sedimentação, produto de erosão, contaminação, tudo isso.

A grande sugestão que daríamos para a preservação das veredas seria: cercar esse ambiente, que é facilmente delimitado. O solo hidromórfico é um solo escuro, cinzento, às vezes. A partir desse solo cinzento, medimos 100 metros para começar a utilizá-lo. Temos que fazer isto inclusive pela legislação: 100 metros a partir do solo hidromórfico. Assim preservamos a vereda.

Outra coisa que poderíamos fazer neste caso, inclusive com a grande ajuda de todos, é o cadastramento de todas as veredas. Vamos cadastrar todas, inclusive as de Minas Gerais. Hoje nós temos recursos de imagem de satélites que nos permitem fazer esse cadastramento. Depois, vamos fazer um diagnóstico de como está cada uma delas. Nós podemos aproveitar a estrutura da EMATER, do IEF — Instituto Estadual de Florestas e do IGAM — Instituto Mineiro de Gestão das Águas,



no caso de Minas Gerais, porque há uma capilaridade muito grande, e cada um vigiar as veredas do seu território.

E a outra coisa é fazer estudos detalhados dessas veredas, como o faz a Profa. Maria das Dores. Mas não adianta nada simplesmente nos preocuparmos com aquele ponto da vereda, temos que nos preocupar com o entorno. Inclusive, nós estamos desenvolvendo um trabalho de manejo de bacia. Pegamos toda bacia de contribuição. Tudo o que fizermos de errado nesse ambiente Cerrado vai refletir na vereda, pois ela é o ponto final.

Espero que esses 15 minutos rendam anos e anos.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Muito obrigado, Sr. Maurício. Parabéns! Eu contei esses minutos nesse tempo todo. Espero que isso também sirva de motivação para V.Sa. parar de fumar, Sr. Maurício! Eu acho que V.Sa. consegue. V.Sa. tossiu, tomou água. Se V.Sa. tomar muita água de vereda, vai parar de fumar, pode ter certeza, e vai ficar mais forte ainda.

Quero mais uma vez dizer da minha alegria de receber todos vocês. Tivemos aqui a Deputada Jô Moraes, lá de Minas Gerais. Aqui está presente o Sr. Ronaldo Mota Dias, Secretário-Executivo da AMAMS — Associação dos Municípios da Área Mineira da SUDENE. Obrigado, Sr. Ronaldo, por esta grande comitiva. Essa conspiração é muito boa. Nós não tínhamos planejado receber essa comitiva tão grande e representativa de Vereadores e lideranças do norte de Minas Gerais. Eu falei com eles, um pouco antes desta reunião, que esta Casa e as outras Casas Legislativas, Antônio Jiló, são a ressonância das demandas da população brasileira.

Coronel Luciano, nós sabemos que à medida que o Plenário da Casa enche este plenário quer discutir a questão de preservação ambiental.

Eu vou complementar uma fala da Profa. Dora, porém discordando um pouquinho em relação à natureza. Eu costumo afirmar que a natureza é muito generosa, mas muito generosa, apesar de não a ajudarmos tanto. Você disse que ela nos ajuda quando há reciprocidade.

Nós estivemos no Município de São Francisco, junto com o Ministério Público, no ano de 2006, aproximadamente, no Córrego Pajeú. Era um Córrego que não tinha vida, a água não corria mais na nascente. Foi feito um trabalho de preservação



ambiental — eu acho que o Soter até conhece lá. Hoje, 11 anos depois, parece que nunca houve nada que impactasse o Córrego Pajeú.

Então, Dora, eu acho que a natureza é melhor para nós. Nós somos muito cruéis com ela.

Antes de passar a palavra ao último expositor desta tarde, que é o nosso grande Britto, um dos técnicos competentes, quero homenagear toda a equipe, Sr. Aldimar Rodrigues Filho, da CODEVASF. Procuo ser um grande defensor da luta da CODEVASF, pedindo que haja concurso público, que haja mais profissionais, que a equipe seja aumentada, porque a CODEVASF faz um trabalho brilhante.

Enquanto nosso convidado se posiciona, eu quero homenagear aqui a CODEVASF pelo trabalho que ela desenvolve no Vale do São Francisco. Espero que consigamos, em breve, aprovar nesta Casa — e que não seja vetada pelo Presidente da República — a inclusão dos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha e também do Alto do Rio Pardo na jurisdição da CODEVASF.

Pelo Regimento da Casa, depois desse último expositor, eu tenho que conceder a palavra a um Parlamentar. Se não houver nenhum Parlamentar, vamos encerrar os nossos trabalhos nesta tarde.

Tem a palavra o Sr. George Fernando Lucílio de Britto, por 15 minutos, para a sua exposição. É tão pouco tempo para expor tanta experiência e trabalho brilhante da nossa CODEVASF em relação ao Cerrado e às nossas veredas.

O SR. GEORGE FERNANDO LUCÍLIO DE BRITTO - Boa tarde a todos. Quero cumprimentar o Deputado Zé Silva pela iniciativa de apresentar esse requerimento a esta Comissão e cumprimentar esta Comissão por ter aceitado o requerimento para debatermos esse assunto. Como o Deputado pode ver, trata-se de um assunto de grande interesse não só para a Câmara Federal, para o Congresso Nacional, mas também para a população do norte e do noroeste de Minas, que está aqui bem representada.

Eu gostaria de dizer, Deputado, que estou aqui acompanhado do nosso Superintendente Aldimar Rodrigues Filho; do Assessor da Presidência, Dr. Tadeu; da nossa equipe de comunicação social e da Presidência da CODEVASF. É com grande satisfação que nós recebemos este convite.



Gostaria de cumprimentar os Vereadores de Montes Claros, que estão aqui fazendo uma reunião extraordinária na Câmara; as lideranças do norte e do noroeste mineiro, que estão aqui também representadas.

A minha fala vai ser em torno do trabalho que a CODEVASF vem fazendo em relação à proteção desses ambientes que estão sujeitos a esse tipo de degradação.

Já foi falado aqui sobre o Cerrado. O Cerrado é a segunda maior região biogeográfica da América do Sul, ocupa 22% de toda a área. A primeira é a Mata Atlântica, que pega toda a Região Norte, expandindo para a Venezuela e Colômbia.

O Cerrado brasileiro ocupa 12 unidades federativas: Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná e São Paulo. Como disse o Dr. Maurício, o que falarmos para Minas Gerais estamos falando para o Brasil todo, para o restante da área de Cerrado do País.

É um bioma de alta biodiversidade, como foi bem exposto pela Profa. Dora. É um local de ambiente de veredas, que são ambientes úmidos, o que foi muito bem caracterizado pelo Dr. Maurício e pela Dra. Dora.

Eu gostaria de dar algumas características da Bacia do São Francisco. O Rio São Francisco tem extensão de aproximadamente 2.700 quilômetros, nasce na Serra da Canastra e deságua entre os Estados de Sergipe e Alagoas, no Nordeste brasileiro. Só em Minas Gerais, o Rio tem uma extensão de 870 quilômetros, é bem expressivo, é um pouco mais de um terço de todo o trajeto dele.

A área de abrangência da Bacia do São Francisco é de aproximadamente 640 mil quilômetros quadrados, o que representa 7,5% da área do território nacional. Só em Minas Gerais, são 240 mil quilômetros quadrados. Desses 550 Municípios de Minas Gerais, 239 estão na Bacia do Rio São Francisco. Então, são Municípios que pertencem à área de atuação da CODEVASF, ou seja, 28% do número de Municípios de Minas Gerais.

A população do Vale do São Francisco chega a 8,1% da população brasileira. Os biomas predominantes na Bacia do Rio São Francisco são a Caatinga, mais restrita ao Nordeste, a Mata Atlântica e o Cerrado. O Cerrado representa 56% do Vale do São Francisco, sendo que 87% estão no Estado de Minas Gerais.



Para tratar especificamente da proteção, da conservação das veredas no Cerrado, das nascentes em Minas Gerais, eu vou apresentar o Programa de Revitalização de Bacias Hidrográficas que a CODEVASF vem desenvolvendo. O programa tem por objetivo recuperar, conservar e preservar as bacias hidrográficas em situações de vulnerabilidade — como é o caso do Cerrado, onde estão as veredas —, por meio de ações permanentes e integradas que promovam o uso sustentável dos recursos naturais.

No próximo eslaide, estão essas ações que a CODEVASF vem desenvolvendo no sentido de proteger essas nascentes, essas veredas e o Cerrado de maneira geral: proteção e recuperação de nascentes; controle de processos erosivos e recuperação de áreas degradadas; educação ambiental e capacitação institucional; saneamento básico — hoje a CODEVASF tem implantados 56 sistemas de esgotamento sanitário nas cidades que estão mais próximas do rio ou dos seus principais afluentes; coleta e tratamento de resíduos sólidos — temos trabalhado também com resíduos sólidos, embora de maneira acanhada, porque agora é o Ministério das Cidades que trata desse assunto; infraestrutura hídrica para usos múltiplos; apoio à produção sustentável; fiscalização ambiental integrada e unidades de conservação.

Nos eslaides, nós temos algumas fotografias de algumas dessas ações que são executadas pela CODEVASF, como bem mostrou o Prefeito Rutílio na fazenda dele. Na primeira fotografia, temos um terraço, cheio d'água, contendo água da chuva, da declividade; uma bacia de contenção de água de enxurrada; e uma nascente cercada.

Na fotografia seguinte, temos duas veredas cercadas. Elas ainda não estão totalmente degradadas, mas fatalmente estarão se forem deixadas como estão. Essas duas veredas cercadas estão protegidas de pisoteio, de trânsito de veículo, protegidas de toda maneira, para não dar acesso ao gado.

Vou falar agora sobre o controle de processos erosivos em Minas Gerais. A imagem mostra o mapa de Minas. A parte azulada representa a área do Rio São Francisco em Minas Gerais, a área do Vale do São Francisco em Minas Gerais.

Desses 240 Municípios a que eu me referi, em 162 deles nós temos ações de revitalização. Como disse o Dr. Maurício, nós fizemos um trabalho muito grande em



meados da década de 2000, em 2006 e 2007, quando desenvolvemos vários trabalhos em parceria com a EMATER, com os Municípios, para que fossem desenvolvidos os projetos que melhor se adaptassem a cada ecossistema desses Municípios.

Então, nós conseguimos atuar até hoje, depois de 9 anos de programa, em 162 desses 240 Municípios, justamente com proteção de nascentes; cercamento de mata ciliar e mata de topo de morro; bacias de captação de enxurrada; terraceamento; e adequação de estradas vicinais.

Agora nós vamos mostrar alguns exemplos de veredas e nascentes cercadas. Todas elas identificadas com o nome do Município. Aquela ali, por exemplo, é no Município de Buritizeiro.

Nós temos ali, de maneira bem didática, o que se pretende com esse programa de revitalização do São Francisco. Na parte verde mais escuro, no centro da fotografia, há uma nascente cercada e totalmente protegida de animais, de trânsito, de desmatamento ou de qualquer interferência que o homem ou o animal possam fazer.

Ao redor desse morro, nós temos os terraços, que estão em curva de nível. E vocês podem ver, seguindo mais para o alto, do lado direito da fotografia, o rio que corre lá para baixo, dando vida às veredas que, com certeza, ainda estão preservadas.

Embaixo da fotografia, nós temos esse ponto marrom, que é justamente uma bacia de captação de água de enxurrada. Ela retém os sólidos que são carreados por essa água. Essa aí está certamente ligada a um desses terraços. Então, essa fotografia mostra, de forma bem didática, o que se pretende com esse programa de revitalização.

A outra fotografia é de mais uma nascente protegida, uma mata de topo de morro em Onça do Pitangui. Em Natalândia também tem o cercamento de nascente.

Aí está uma dessas bacias de captação de enxurrada, que está muito bem demonstrada nessa fotografia. A água entra pelo lado esquerdo, como mostra a imagem, e se acumula nesse reservatório. Os resíduos sólidos ficam nessa bacia. A água infiltra ou escorre de maneira devagar, sem causar erosão.



Nessa imagem, podemos ver mais uma sequência de duas dessas bacias. Elas estão justamente retendo a água que fatalmente desceria, causando erosão laminar nessa declividade.

Essa é uma fotografia de Cerrado, a exemplo do que mostrou aqui o nosso Prefeito Rutílio.

De maneira bem didática, outra fotografia mostra o cercamento de mata de topo de morro lá em cima. Depois, há uma sequência de terraços em curva de nível, com bacias de contenção de água de enxurrada ao longo dela. Pode-se ver, de forma bem clara, o que se pretende com esse programa de revitalização.

Trabalhamos também com readequação de estradas vicinais. Ali está uma estrada já recuperada. E nessa outra imagem, a do lado esquerdo, temos uma estrada na qual não foi feita nenhuma ação. Vocês veem bem que há um quebra-molas mais ou menos no meio da fotografia. Logo depois que essa estrada foi readequada, foi tirada essa outra fotografia, na qual se vê o leito abaulado, as canaletas, vamos dizer assim, feitas de terra nas duas margens da estrada. E, lá na frente, onde há o quebra-molas, justamente para barrar um pouco a água, ela entra naquela derivação, que é conhecida como bigode, e cai dentro da bacia de contenção de água de enxurrada.

Essa bacia de contenção é um indicador muito bom para se saber se o solo está sendo bem tratado. Se a água se conserva limpa durante toda a sua permanência lá é porque, a montante dessa bacia, o solo está sendo bem protegido, uma vez que não está carreando sólidos para a bacia. Logicamente, com essa bacia, nós vamos ter pouco assoreamento dos cursos d'água. E essa bacia funciona também como indicativo de erosão nesse sistema todo de revitalização.

Nós temos aqui, apenas para exemplificar, informação sobre os investimentos em revitalização hidroambiental em Minas Gerais. A CODEVASF investiu 506 milhões de reais em esgotamento sanitário nessas 56 cidades a que eu me referi anteriormente. Nós implantamos 3 depósitos de resíduos sólidos, 3 aterros sanitários, e investimos pouco menos de 101 milhões de reais no controle de processos erosivos.

São recursos que nós consideramos de baixo volume, se comparados com as outras prioridades estabelecidas pelo Governo, Deputado. Então, nós esperamos



como um dos resultados do trabalho desta Comissão que nós possamos, por meio de instrumentos legais, conseguir mais recursos para essas ações.

Por falar em recursos legais, eu gostaria de fazer a apresentação aqui na Comissão do Plano Novo Chico. Isso já foi apresentado pelo Presidente da República ao Congresso Nacional e hoje é apresentado nesta Comissão.

O Plano Novo Chico é um plano criado por decreto e que se assemelha muito ao que a CODEVASF vem fazendo até agora com relação à revitalização da Bacia do Rio São Francisco.

O decreto prevê ações permanentes e integradas, como uma agenda transversal, envolvendo todas as esferas de Governo — Federal, Estadual e Municipal. Ele se caracteriza também por ter perenidade nas metas e nos esforços. São metas de longo prazo. Não são recursos para serem aplicados num único ano ou em 5 anos. As metas são de longo prazo e pactuadas entre os atores: Municípios, Estados e órgãos da União.

O Plano envolve vários setores, inclusive o setor privado, e pequenos e médios produtores. E ele não contempla só medidas rurais, como nós falamos até agora com relação ao Cerrado e às veredas. Ele inclui também medidas de preservação de fontes da água no meio urbano. Como a política evolui com o tempo, espera-se a incorporação de novas demandas, de novas ações, de novo tipo de ação para ser considerada de preservação.

Dentro do plano de ação do Novo Chico — eu já estou encerrando —, nós temos dois horizontes.

O primeiro horizonte, de 2016 a 2019, é o que está acontecendo agora, quando estamos dando continuidade às ações que já vinham sendo feitas pela CODEVASF no Vale do São Francisco, em Minas Gerais e nos outros Estados, e dando também continuidade à ação governamental na área ambiental, na gestão integrada, na fiscalização, na recuperação e controle do processo erosivo, e no saneamento básico. Neste momento, está em curso a execução efetiva do Plano.

A CODEVASF é uma das parceiras da Câmara Especializada do Plano Novo Chico. No Ministério da Integração Nacional, está a Secretaria-Executiva do Plano Novo Chico. E do Comitê Gestor do Plano Novo Chico participam a Casa Civil, que



exerce a Presidência; o Ministério da Integração Nacional, que exerce a Secretaria-Executiva; e outros nove Ministérios, com participação também de todos os Estados.

No horizonte maior, de 2017 a 2026, prevê-se o planejamento de todo o trabalho que vai ser realizado por essa câmara especializada a que me referi e o monitoramento de tudo isso.

Eu gostaria de mostrar, Deputado, um filme de 1 minuto sobre uma vereda recuperada. Trata-se de um filme feito de maneira amadora, com um aparelho celular. Vejam a satisfação do agricultor quando vê isso aí.

(Exibição de vídeo.)

Bem, eu gostaria de agradecer, mais uma vez, o convite que nos foi feito.

É sempre bom lembrarmos que não vamos conseguir consertar em pouco tempo o que destruimos em 500 anos. Eu acho que todos os que estão aqui têm consciência disso e estão procurando fazer o melhor para não corrermos os riscos que grandes populações correm hoje. Como foi dito aqui, há 2 anos, a população de São Paulo passou por uma dificuldade muito grande. Isso foi um exemplo de mobilização para toda a população brasileira.

Eu gostaria de encerrar cumprimentando o Deputado Saraiva Felipe, que adentrou agora o recinto. Agradeço também ao Luiz Bezerra a presença. Ele é da área de meio ambiente da CODEVASF e nos acompanha. Também agradeço ao Deputado Adelmo Carneiro Leão.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Agradeço ao Britto e reforço o registro já feito por ele sobre a presença do Deputado Adelmo Leão, de Minas Gerais. V.Exa. é de Uberlândia, não é, Deputado Adelmo?

O SR. DEPUTADO ADELMO CARNEIRO LEÃO - De Uberaba.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Uberaba. O Deputado Adelmo tem Leão e Carneiro juntos no nome. É um perigo danado! *(Riso.)* Mas os dois são bons. Não tem perigo, não.

Já estamos com o nosso tempo esgotado há 19 minutos. O tema está agradável, mas nós temos que encerrar a reunião.

Eu passo a palavra ao Deputado Saraiva Felipe. O Deputado Adelmo Carneiro Leão dispensou a fala.



(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - V.Exa. quer falar? Então está bom. Vou cortar meio minuto do seu tempo.

Concedo 2 minutos e meio ao Deputado Adelmo, porque é de Uberaba, uma terra querida.

O SR. DEPUTADO ADELMO CARNEIRO LEÃO - Eu quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui presentes, grandes batalhadores. O Soter está aqui também, um ambientalista desde criancinha.

Eu quero registrar uma questão que me preocupa e me inquieta muito em relação ao São Francisco. Eu sou do Vale do Rio Grande, no Médio-Baixo Rio Grande, região que tem fornecido muita energia, muita riqueza para nós do Triângulo Mineiro.

Eu costumo dizer que o Triângulo é um desenho especial formado pelo Rio Grande e pelo Paranaíba, mas eu tenho uma ligação estreita e intensa com o São Francisco pela sua história e por ser o rio da integração nacional. Eu abracei a causa do São Francisco desde os primeiros momentos em que estive ligado a atividades políticas e tenho uma relação de parceria estreita com a CODEVASF, vocês sabem disso.

Na Assembleia de Minas, desenvolvemos um projeto chamado Cidadania Ribeirinha. Foi a Assembleia, uma instituição legislativa, que cuidou de um projeto para o São Francisco, do ponto de vista da pedagogia, da capacitação profissional, da discussão, do levantamento de dados e de informações importantes, um trabalho que começou lá na divisa com a Bahia e está subindo o rio com esse intuito da lógica da revitalização.

Eu tenho acompanhado muitas situações do São Francisco e quero destacar aqui duas visitas, Deputado Zé Silva, que para mim foram muito impactantes. Uma foi a Buritis, na região do Rio Urucuia, onde vimos nascentes, vertentes de vários rios, riachos, ribeirões que se tornaram literalmente pó devido à intervenção humana. Certamente há causas climáticas e ambientais muito importantes ali, mas a intervenção humana, a utilização exagerada de água para irrigação de grandes projetos do agronegócio é uma situação preocupante. Quem pensa em revitalização tem que pensar sobre como utilizar nossas águas.



Também vi o Rio Gorutuba, em Janaúba. Esse rio também está morrendo e certamente isso se dá pela intervenção humana.

Então, eu entendo que essas ações são muito positivas, mas precisamos fazer muito mais. Água é vida e é, em grande escala, saúde, mas também pode ser morte, pode ser doença e pode ser muito sofrimento. Eu quero compartilhar com vocês essa preocupação.

Não estive aqui no debate, porque nós estamos discutindo assuntos importantes também no plenário da Câmara, mas eu quero compartilhar com vocês de todas as ações no limite do que eu puder contribuir, para que o São Francisco seja verdadeiramente um lugar de desenvolvimento da cidadania, de prosperidade e de dignidade humana.

Se levamos agora a milhares de quilômetros a água do São Francisco para abastecer cidades, produzir vida e dar dignidade ao povo que estava vivendo com dificuldades enormes, nós não podemos admitir que a gente ribeirinha, os vazanteiros, aqueles que vivem à margem do São Francisco sejam tratados de modo também a não poderem usufruir dos bens e das conquistas humanas até hoje.

Eu quero saudar o Deputado Zé Silva pelo trabalho, por esta audiência pública, saudar todos vocês que estão aqui presentes e dizer que contem comigo no que for possível e no limite da minha inteligência, da minha capacidade de trabalho, dos recursos, da minha ação aqui, para que o São Francisco seja realmente o rio da integração nacional e que possa nos dar felicidade, alegria, prosperidade e plena cidadania.

Que o São Francisco, rio da integração nacional, também seja instrumento da soberania nacional. Nós estamos ameaçados hoje, em função das políticas que estão sendo desenvolvidas de distribuição do nosso território, das nossas águas, de venda e internacionalização dos bens nacionais e estamos correndo muitos riscos, mas a luta é nossa. Eu participo dela para o bem do Brasil e para o bem daqueles que vivem e moram na margem do São Francisco, esse extraordinário rio, e no sertão de Minas Gerais também.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Obrigado ao Deputado Adelmo pela participação.



Passo a palavra ao Deputado Saraiva Felipe, que de maneira muito carinhosa prestigiou toda a nossa audiência pública.

Obrigado pela sua presença aqui, Deputado, junto com a CODEVASF. V.Exa. tem 3 minutos para o seu pronunciamento.

O SR. DEPUTADO SARAIVA FELIPE - Eu queria, primeiro, cumprimentar V.Exa., Deputado Zé Silva, pela felicidade em promover esta audiência pública sobre a situação das veredas no Cerrado brasileiro.

Quero cumprimentar também os palestrantes, de modo especial o Luizinho Ribeiro. Cumprimento ainda o Aldeci, representante da imprensa do norte de Minas; o Fernando Britto, representante da CODEVASF, uma instituição tão importante na mitigação dos problemas da seca no norte de Minas; o Prof. Maurício Roberto Fernandes; o Rutílio, que fala em seu nome, mas também em nome dos Prefeitos da região; e as mulheres, na pessoa da Profa. Maria das Dores Magalhães Veloso e da dona Angélica, esposa do Rutílio.

Quero dizer que o Governo está comemorando o fato de que o São Francisco está sendo estendido para o Nordeste. Ele vai mitigar a seca em regiões a leste do interior da Paraíba e no outro eixo vai chegar até o Ceará. E eu acho, Deputado Zé Silva, que esta audiência pública tem que fazer parte de um contexto em que nós temos que brigar para salvar a mãe das águas, no caso, as veredas, e cobrar do Governo, porque foi dito que não haveria transposição de águas — e estou aqui há mais de 20 anos — sem que se pensasse na revitalização do Rio São Francisco, sobretudo na sua nascente e na sua extensão, que passa por Minas Gerais, entrando para o Nordeste.

Então, este momento de mobilização precisa ser muito maior, Fernando. Os recursos são exíguos mesmo. Se pensarmos em termos de saneamento geral, é assustador. O Brasil pretendeu até uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU, e só 33% da população brasileira têm esgoto coletado e tratado. Essa é uma situação africana. E digo isso sem demérito, porque eu acho que isso também tem que ser resolvido na África.

Eu queria, então, agradecer aos Vereadores, aos quais cumprimento na figura do Vereador Cláudio, Presidente da Câmara de Montes Claros, e dizer que temos, sim, que cerrar fileiras.



Eu gostaria de ter estado aqui o tempo todo, até porque eu estava aprendendo, bebendo dessas informações sobre o São Francisco, mas tivemos que nos revezar, porque estamos tendo votações intensivas no dia de hoje.

Mas agradeço a todos a presença e também me proponho a, juntamente com os Deputados Adelmo e Zé Silva, continuar a cobrar o que nos foi prometido, a revitalização do São Francisco e, dentro desse processo de revitalização, a recuperação, a salvação das veredas, algo muito importante.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Agradeço ao Deputado Saraiva Felipe.

Tem a palavra a Deputada Raquel Muniz, que chegou neste momento.

Deputada Raquel Muniz, nós estamos fazendo o encerramento, e V.Exa. chegou na hora, aos 49 minutos do segundo tempo. Passo a palavra a V.Exa., para seu pronunciamento, pelo prazo de 3 minutos.

A SRA. DEPUTADA RAQUEL MUNIZ - Na verdade, Deputado Zé Silva, eu estive aqui mais cedo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Sim, na abertura.

A SRA. DEPUTADA RAQUEL MUNIZ - Depois eu tive uma audiência no Ministério. E já estive com os Vereadores de Montes Claros, a quem cumprimento novamente. Cumprimento também a Vereadora de Varzelândia e os Parlamentares presentes, na pessoa do Deputado Saraiva Felipe.

Quero dizer a vocês que, na Câmara Federal, tenho participado de muitas Comissões relacionadas àquilo que é essencial para cada um de nós, para nos hidratar todo dia, para molhar as plantas, para cuidar dos animais, que é a água.

A Comissão que trata do Semiárido era chamada, antes, de Comissão do Semiárido Nordestino, e eu pedi que ela se chamasse só Semiárido, para incluir o norte de Minas, os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri.

Participo também da Comissão de Transposição e Revitalização do São Francisco e levei o Ministro Gilberto Occhi, Ministro da Integração na época, até Pirapora, junto com Parlamentares também do Nordeste brasileiro, para discutir o projeto. Eu trouxe também o Geraldo, representando um projeto importante na nossa região, para apresentar aqui uma exposição de fotografias e participar



também da Comissão de Revitalização com uma fala. O Vereador Soter também esteve nessa importante Comissão.

Quero muito o apoio não só dos Parlamentares do Nordeste brasileiro, mas também de Minas Gerais. Fico feliz de ver os Deputados Adelmo e Saraiva aqui, para, juntos, trabalharmos agora no Plano Novo Chico, um projeto do Governo Federal que já foi lançado aqui em Brasília e para o qual aguardamos dotação orçamentária. Estamos discutindo com o Ministério de Minas e Energia, com o Ministro Padilha e também com o Ministro da Integração, para que o lancemos em Minas Gerais já com dotação orçamentária, para termos realmente o Rio São Francisco revitalizado.

O Governo de Minas Gerais tem um projeto importante. Através dos presidiários, nós fazemos o replantio de árvores. Nós precisamos das árvores. E eu falo que não quero ser a Deputada do carro-pipa, Dr. Valdivino. Eu quero ser a Deputada que efetivamente ajuda a efetivar essa revitalização.

Nós temos a Superintendência da CODEVASF em Montes Claros, que tem um programa importante com relação à revitalização, assim como o Ministério da Agricultura.

Eu quero colocar no Orçamento alguma dotação com as minhas emendas para que, juntos, nós consigamos sensibilizar tanto a bancada de Minas Gerais quanto o Governo Federal. Como diz um grande estudioso, também meu colega de partido e hoje Senador, dessa forma nós poderemos efetivamente corrigir esse atraso que temos com relação à revitalização das nascentes do nosso rio.

Quero parabenizar esta legislatura da Câmara Municipal em Montes Claros por estar aqui presente. Quero convidar V.Exas. para virem não só em grupo, mas também individualmente para nós os recebermos com uma agenda particularizada e podermos atender bem a V.Exas.

Parabenizo todos os Vereadores de Montes Claros e do norte de Minas Gerais que estão aqui participando da audiência e coloco à disposição o meu gabinete para atender a V.Exas.

Muito obrigada. (*Palmas*).

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Agradeço à Deputada Raquel Muniz.



Bem, não está previsto fazermos debate, e cada um dos membros da Mesa vai ter um período para fazer as considerações finais. Quero, no entanto, abrir espaço para duas participações: a dos Srs. Vereadores, pela importante e representativa comitiva que está aqui, e a do Prof. Geraldo Luciano, do Instituto Superior Cenecista — INESC, de Unaí, representando o noroeste do Estado de Minas. De uma maneira generosa, S.Sa. me presenteou com um exemplar do Novo Código Florestal, a Lei Nacional Ambiental. E eu tenho a honra de ter lá, professor, um artigo fruto de emenda minha que coloca o Brasil na vanguarda, definindo crédito de carbono como uma *commodity*.

Eu tenho certeza de que todos os países e as gerações futuras estarão premiando isso e permitindo que os agricultores e os ambientalistas comercializem o crédito de carbono como mais uma fonte de renda e especialmente como um ativo ambiental.

Também queria dar aqui uma notícia à qual creio que todos já tiveram acesso — e agradeço ao Prefeito de Montes Claros, Humberto Souto. No Brasil, nós tínhamos Superintendência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA em todos os Estados e no Distrito Federal, mas apenas em dois Estados o INCRA funcionava além da capital: no Pará, por ser um Estado muito grande e muito representativo da reforma agrária, e no Paraná. E nós conseguimos fazer com que o Presidente da República e o Presidente do INCRA autorizassem a criação de mais uma Superintendência do INCRA, o que já foi publicado no *Diário Oficial da União*.

Na minha primeira legislatura, eu já tinha feito esse pedido ao Ministro Guilherme Cassel e depois reforcei o pedido ao Ministro Pepe Vargas. Agora conseguimos a autorização do Presidente da República e já foi publicado no *Diário Oficial da União*. Nos próximos dias, nós teremos uma superintendência do INCRA em Montes Claros. (*Palmas.*) Isso significa muito para todos os produtores rurais, porque facilitará a regularização de áreas, a obtenção de documentação, a efetivação do georreferenciamento, a emissão do Certificado de Cadastro de Imóvel Rural — CCIR e a solução da situação dos assentados.

Deputado Saraiva, V.Exa. conhece bem Pitarana, um assentamento do lado do Município de Montalvânia. De lá até Belo Horizonte são quase 12 horas de



viagem. A superintendência em Montes Claros vai poder atender produtores de 300 Municípios dessa região.

Passo a palavra por 3 minutos ao Prof. Geraldo Luciano, carinhosamente chamado de Coronel Luciano e que, juntamente com a Ana Maria, o Tonho Jiló e toda a comitiva lá do noroeste de Minas, veio falar em nome da sociedade civil.

Depois, vamos definir qual dos Vereadores vai falar, se o Soter ou o Cláudio, em nome dos demais. Façam uma votação e me encaminhem o nome. Será a última participação.

Concedo a palavra ao Prof. Geraldo Luciano.

O SR. GERALDO LUCIANO - Deputado Zé Silva, autoridades já mencionadas, senhoras e senhores, boa tarde.

Sr. Presidente, parabênzo V.Exa. pela iniciativa deste evento. Em nome da Associação dos Irrigantes de Minas Gerais, convido todos os palestrantes para fazermos um evento da mesma natureza em Unaí ou em alguma cidade do noroeste de Minas. Pode ser inclusive em Urucuia, Rutílio. Fazemos esse convite.

Gostaríamos de registrar, Deputado, já que é grande o clamor pela conservação de águas e pelo seu represamento, para que se evite que a água vá para o mar e seja desperdiçada, que o Alécio Maróstica, Presidente do Sindicato Rural de Cristalina, tem um trabalho interessante a esse respeito, por meio do qual ele prova com números que quase toda a água da chuva vai para o mar, não é aproveitada. Seria bom que nós fizéssemos uma modificação na lei da qual o senhor participou para permitir o barramento para irrigação de alimentos, considerando-o como de utilidade pública. É o estudo que fizemos. Trazemos esse pleito a V.Exa. e a todos os Deputados aqui presentes. Nós avançaremos muito se o Código sofrer essa modificação.

Muito obrigado e boa tarde a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Obrigado, Coronel Luciano e Tonho Jiló, que acompanham esse pleito há alguns anos. Com certeza, nós vamos tratar de sua proposição.

O Cláudio Prates vai fazer a apresentação do Soter e depois passar a palavra a ele.



O SR. CLÁUDIO PRATES - Sr. Presidente, quero apenas parabenizá-lo pelo evento e agradecer toda a acolhida. Ficamos muito felizes.

A Câmara Municipal de Montes Claros se desloca até Brasília para trazer uma justa reivindicação na luta pelas barragens, tendo em vista a crise hídrica que assola a cidade e o norte de Minas. Entendemos que podemos contribuir, trazendo essa reivindicação aqui.

Agradecemos a presença à Deputada Federal Raquel Muniz, que tem lutado muito e se colocado à disposição. Agradeço também ao Deputado Saraiva e a V.Exa., Deputado Zé Silva, que propôs esta audiência pública, dando oportunidade ao norte de Minas de ser ouvido. Parabenizo também o Luiz e a professora pela brilhante explanação que fizeram.

Passarei a palavra ao Soter, que é de fato o responsável por estarmos aqui nesta audiência pública que discute a situação das águas em Montes Claros.

O SR. SOTER MAGNO - Obrigado. Boa tarde a todos.

Aprendi que na vida nós nunca podemos perder oportunidades, e esta oportunidade para nós, principalmente para mim, é ímpar, porque podemos falar do tema meio ambiente e da crise hídrica que assola a região norte de Minas.

Eu queria parabenizar todas as apresentações aqui feitas. Elas são de fundamental importância para nos alertar para a importância da preservação do meio ambiente. Vale ressaltar que tudo aquilo que foi mostrado aqui hoje é fruto do desenvolvimento insustentável da nossa região, desenvolvimento que em sua maioria foi financiado pelo Governo, inclusive pelo Governo Federal.

E esta Casa teve, na época, evidentemente, responsabilidade. Agora, cabe a esta Casa tentar minimizar os impactos causados pelo desenvolvimento insustentável. Não houve preocupação com o social e com o ambiental. Só houve preocupação na época com o financeiro. E hoje nós temos algumas situações que poderíamos colocar na mesa. Se fizéssemos isso, iríamos ficar mais uns 2 dias discutindo, de tão importante que é o tema.

Eu queria parabenizar todas as apresentações e dizer ao Deputado Zé Silva e aos Deputados aqui presentes que Montes Claros está morrendo de sede. O norte de Minas está morrendo de sede. A cidade de Montes Claros poderá ficar sem água em 2017. Montes Claros hoje tem água dia sim, dia não. Se não saírem as



barragens que se propõem abastecer o desenvolvimento de Montes Claros e região, nós estaremos fadados ao fracasso. A região norte de Minas está morrendo com a falta d'água, e essa água foi tirada do povo daquela região pelo desenvolvimento insustentável. Falo da silvicultura de eucalipto, pecuária intensiva e carvão, temas que não foram discutidos aqui. É preciso fazermos uma discussão para devolver ao povo do norte de Minas a água, porque água é o sangue da terra, água é fonte de vida. E não existe, Deputado Zé Silva, nenhum desenvolvimento que dispense o uso de água. O norte de Minas não terá desenvolvimento do jeito como está. Se permanecer assim, o norte de Minas vai acabar, vai morrer.

Preservar o meio ambiente é um ato de amor pelas coisas de Deus.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Dando prosseguimento à reunião, concedo a palavra ao Sr. Luiz Ribeiro Santos, para fazer suas considerações finais.

O SR. LUIZ RIBEIRO DOS SANTOS - Madre Teresa de Calcutá disse certa vez que a vida é oportunidade. Eu acho que hoje aqui nós estamos tendo a oportunidade de salvar a vida, salvando as nossas águas.

Eu recordo bem, quando comecei a ler essas matérias que foram exibidas aqui, que foram 6 meses só de planejamento e mapeamento. E havia a seguinte pergunta: o que isso irá suscitar? Qual será o resultado disso?

Eu fico muito feliz e honrado em estar aqui. Eu vim de Montes Claros e, como seria uma coisa rápida, eu não trouxe nenhuma bagagem, mas com certeza voltarei com uma bagagem muito grande, uma bagagem de esperança, diante de tudo o que foi falado nesta reunião. Esperamos que as declarações dos órgãos e os projetos, tudo isso seja efetivamente feito.

Eu queria pedir à Comissão para fazer um encaminhamento. O Brasil tem muitos órgãos importantes e atuantes: CODEVASF, ANA, EMBRAPA Sorgo, EMBRAPA Feijão, EMBRAPA Milho. Talvez seja interessante sugerirmos a criação da EMBRAPA Água, um órgão público que pudesse financiar os estudos do setor público e remunerar aqueles que vivem das nascentes, porque muitas vezes o produtor quer conservar, mas não tem condições. Essa EMBRAPA poderia financiar estudos grandiosos e pouco vistos, como o estudo da Universidade Estadual de



Montes Claros — UNIMONTES. Talvez a Comissão possa encaminhar esse tipo de pedido. Fica a minha sugestão.

Cumprimento o Deputado Zé Silva pela iniciativa e agradeço a presença aos demais Deputados — Saraiva, Adelmo, Raquel —, e ao povo de Montes Claros, aqui representado pelos seus Vereadores.

O Deputado Zé Silva falou da conspiração do bem. Acho que talvez isso tenha acontecido aqui, onde há tanta gente unida e de tão longe.

Pode parecer, às vezes, que estamos falando sobre uma coisa de Montes Claros, do norte de Minas, mas nós estamos falando de Minas Gerais e, como eu disse, na minha fala, nós estamos falando do Brasil, do nosso futuro. Eu vou reiterar: se não tivermos água, não teremos crescimento e produção. Portanto, este é o começo de uma grande mudança neste País.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Obrigado, Luiz.

Passo a palavra ao George Britto, que representa a CODEVASF.

O SR. GEORGE FERNANDO LUCÍLIO DE BRITTO - Primeiramente, eu quero agradecer ao Deputado Zé Silva a possibilidade de estar aqui, mais uma vez, expondo nesta Comissão.

É natural que nós tenhamos a preocupação de trazer para cá as informações mais atualizadas possíveis sobre o tema. E eu disse na minha fala, durante a apresentação, e a Deputada Raquel Muniz repetiu... Ela não estava aqui, mas nós estamos sintonizados com relação a esse assunto.

Como eu disse, a Câmara Técnica do Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco está se reunindo quase diariamente para definir as ações detalhadas do Plano Novo Chico. Essa é a hora propícia, Deputado, para que os resultados do trabalho desta Comissão cheguem até o Executivo, a fim de que o trabalho seja o mais breve possível e também sejam definidos os recursos.

Nós sabemos das dificuldades econômicas e políticas pelas quais todo o País passa hoje, mas temos que considerar que este é um momento ímpar para podermos participar. Quando eu falo em participarmos, refiro-me a nós, cidadãos, participando por meio dos nossos Deputados, da Câmara Federal e das Câmaras



Municipais, que estão muito bem representadas aqui hoje por Vereadores no norte de Minas Gerais e também por lideranças do noroeste e do norte de Minas Gerais.

Então, trata-se de um momento importante para que esta Casa, a Câmara, por meio dos nossos representantes aqui, possa chegar até o Poder Executivo, para que defina e detalhe logo essas metas e estabeleça os recursos a serem destinados ao Plano Novo Chico.

Mais uma vez, eu quero agradecer a oportunidade e me colocar à disposição.

Obrigado, Deputado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Obrigado, Britto. Cumprimento todos os profissionais da CODEVASF e agradeço a presença.

Passo a palavra à Profa. Maria das Dores, para as suas considerações finais.

A SRA. MARIA DAS DORES MAGALHÃES VELOSO - Eu gostaria de agradecer ao Deputado Saraiva Felipe. Eu estou muito feliz hoje e volto cheia de esperança. Sei que todo o meu trabalho no campo, naquela vida, naquele calor, compensou. Saber que está todo o mundo aqui pensando a mesma coisa, vivenciando a mesma coisa, com a mesma esperança, enche-me de alegria.

Quero agradecer ao Soter e ao Cláudio, Vereadores de Montes Claros, e aos Deputados Saraiva Felipe, Raquel Muniz e Adelmo Carneiro Leão por também nos darem essa esperança. Os senhores são líderes, e nós somos os obreiros. Eu faço. Eu sei fazer, eu tenho o conhecimento e consigo fazer. Mas eu não consigo fazer com que essas coisas sejam executadas sem ser com vocês.

Quero agradecer muito e dizer que há veredas doentes, há veredas adoecendo, há veredas mortas, mas, para não falar só de tristeza, nós temos muitas veredas que estão preservadas e que precisam apenas ser olhadas. Mas nós temos que detectar em que situação está cada uma delas.

Quando nós falamos das veredas, como foi colocado pelos outros palestrantes, estamos falando da área de proteção do entorno da vereda e do Cerrado como um todo, que foi praticamente destruído, principalmente no norte de Minas, na década de 70, com a implantação do arroz irrigado na vereda, do eucalipto, de monoculturas.



Eu lembro que em Januária havia uma fábrica de algodão. Quando criança, eu via uns olhos d'água no chão, mas não entendia nada daquilo. Mas da mesma forma que vieram desapareceram. Foi uma vertigem o que aconteceu.

Eu espero que nós demos continuidade a este trabalho. Estou deixando a apresentação, Deputado Zé Silva, e nela há várias recomendações pensadas, vivenciadas. Eu acho que vale a pena lê-las, para ver o que pode ser feito.

Muito obrigada a todos pela paciência e pelo interesse em cuidar da vida.
(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Obrigado, Profa. Maria das Dores. Passo a palavra ao Prefeito Rutílio para as suas considerações finais.

O SR. RUTÍLIO EUGÊNIO CAVALCANTI FILHO - Deputado Zé Silva, mais uma vez, eu quero agradecer-lhe por esta oportunidade.

Eu, que moro na roça, que vivo no sertão do Urucuia, onde quero que meus restos mortais fiquem, tenho muita alegria de falar da água, um assunto tão importante.

Eu quero só lembrar às pessoas que há milhões de anos o volume de água é o mesmo. A água não diminui em nada. Ela simplesmente muda de lugar. E nós precisamos preservar a água no solo, nas veredas, nas barragens. A água está indo para o mar, onde não serve para nada. O volume dos mares está aumentando. Se se abrirem todas as barragens existentes no mundo, o mar subirá um pouco mais, e a situação irá piorar. Então, a barragem é uma grande solução. Nós precisamos, sim, segurar a água no lugar certo, nas terras mais altas, porque ela vai brotar, vai nascer.

Diz-se muitas vezes que se gastam milhares de litros para produzir um quilo de soja. Mas a soja só retém 13%, 14% da umidade. E, quando ela é consumida, a água volta para a natureza. Então, nada se perde. O volume de água é o mesmo.

Eu quero repetir: a água que cai no sertão não deveria ir para o mar. A água deveria ficar no sertão, porque modificaria o sertão do Nordeste, o sertão de Urucuia, o sertão do norte de Minas. Numa cidade tão importante como Montes Claros não pode ficar faltando água. É preciso construir as barragens naqueles rios em Montes Claros, em toda a região, porque é uma metrópole, uma cidade com



quase 500 mil habitantes, a mãe do norte e do noroeste de Minas. Nós precisamos ajudá-la, sim.

Eu, que sou leigo, que não tenho nenhuma formação, tenho muito orgulho de estar presente aqui e poder dar uma pequena contribuição sobre a água.

Nós estamos sempre à disposição de V.Exas.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Agradeço ao Prefeito Rutílio.

Eu vou passar a palavra ao Maurício para as suas considerações finais.

O SR. MAURÍCIO ROBERTO FERNANDES - Em primeiro lugar, quero agradecer ao Deputado Zé Silva e dizer que quero continuar cooperando com este trabalho.

Lembro à Câmara dos Deputados que tudo o que se fizer em termos de recursos naturais em Minas Gerais poderá ter repercussão nacional. A água é o resultado do trabalho na bacia hidrográfica. Se eu me preocupar simplesmente com a calha do rio, com a vereda, eu estarei me preocupando com o resultado final. Mas eu tenho que me preocupar, dentro daquele sistema de qualidade total, com os fatores que garantem a água em quantidade e qualidade.

Lembro também à Câmara dos Deputados que a água é um recurso insubstituível e vital. Todo o mundo sabe disso. E ela também é estratégica. Os países que detiverem água doce serão muito visados no futuro. Então, é um assunto de segurança nacional.

Agradeço aos que me ouviram e aos colegas que participaram desta Mesa. Eu quero continuar lutando até o meu último cigarro.

Obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Maurício, espero que seja o último cigarro aqui, porque tenho certeza de que você terá pelo menos 150 anos de vida.

Eu quero agradecer de uma maneira carinhosa à Deputada Raquel Muniz, ao Deputado Saraiva Felipe, ao Deputado Adelmo Carneiro Leão e aos Deputados de Minas e de outros Estados que estiveram presentes.

Eu quero agradecer também a todos os representantes de órgãos públicos estaduais, às comitativas do noroeste de Minas e à grande comitativa do norte de Minas



que está presente aqui e estará às 16 horas no Ministério da Integração para uma audiência na Secretaria de Desenvolvimento Agrário.

Eu quero agradecer à ANATER na pessoa do seu Diretor de Administração, o Sr. Ricardo Peres Demicheli.

Eu quero agradecer à imprensa que contribuiu para a realização desta nossa audiência pública.

Eu quero agradecer ao João, representante da Frente Parlamentar da Agropecuária, que hoje recebeu o Presidente do INCRA e alguns membros desta comitiva.

Eu quero agradecer a nossa equipe do gabinete e à equipe da Câmara dos Deputados.

Eu quero agradecer ao Delegado da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário de Minas, Dr. Ronaldo Lima Rodrigues.

Quero dizer que a partir de amanhã as apresentações dos palestrantes desta audiência pública estarão à disposição dos interessados na página da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável na Internet, no *link* Audiências Públicas.

Agradeço a presença aos convidados, aos Parlamentares e aos demais participantes da reunião, agradeço a participação aos internautas, e declaro encerrada a presente reunião.

Boa noite a todos.